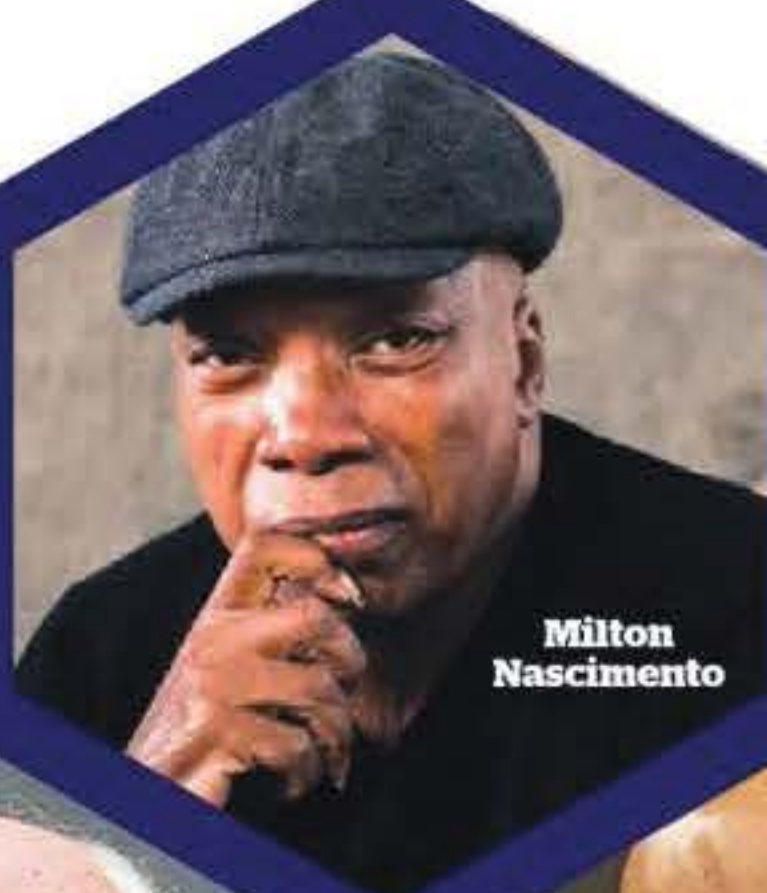
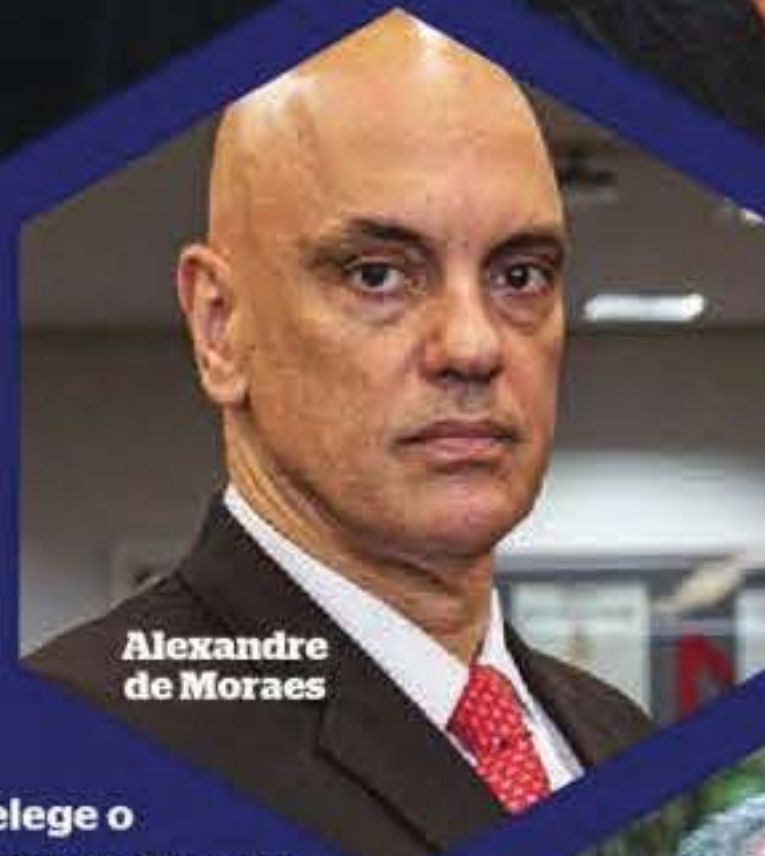
DEPRIMIDO E CHORANDO MUITO DIANTE DE DIVERSOS INTERLOCUTORES, BOLSONARO PREOCUPA ALIADOS E FAMILIARES QUANTO À SUA SAÚDE MENTAL

Alexandre de Moraes

Isabel Teixeira

ISTOÉ elege o ministro Alexandre de Moraes, do TSE, como BRASILEIRO DO ANO por ter agido com determinação para garantir que as eleições transcorressem de forma exemplar. Luiz Inácio Lula da Silva, O Brasileiro do Ano na Política, liderou um pleito histórico e terá a missão de reconstruir as políticas públicas e pacificar a sociedade. Confira os outros nove nomes que fizeram história em 2022

Neca Setubal

Bruno Pereira
(IN MEMORIAM)

Brasileiros do ano

Marfrig
MONTANA
STEAKHOUSE
ACERTE NA
ESCOLHA
MONTANA
STEAKHOUSE
ENTRECÔTE

ENTREVISTA

MARCELO ADNET

Ator e Humorista

“PAREI DE IMITAR POLÍTICOS POR CAUSA DE AMEAÇAS”

Por Felipe Machado

Não é exagero dizer que Marcelo Adnet é a pessoa mais engraçada do Brasil. Seu quadro *Que Doha é Essa?*, na *Central da Copa*, da Globo, fez tanto sucesso que lhe rendeu um especial no SporTV ao final do torneio. Durante o período mais sombrio da pandemia, esse jornalista de profissão e humorista de coração trouxe alegria com o hilário *Sinta-se em Casa*, série de vídeos para a internet gravados em sua residência, no Rio de Janeiro. Mas nem tudo é alegria na carreira do comediante mais querido do Brasil: Adnet desistiu de imitar políticos, alegando que sofre ameaças pelas redes sociais. Não importa: seu talento continuará a ser aplaudido em todas as áreas, inclusive no cinema: após brilhar em 15 filmes, ele será o protagonista de *Nas Ondas da Fé*, que estreia em 2023. Em um papel divertido, mas também crítico, ele interpreta um pastor evangélico que só pensa em dinheiro. Muito se passou desde que ficou famoso, na tela da MTV, quando revolucionou o humor com o programa *15 Minutos* — cinco anos depois, já estava na Globo. Não se sabe como, mas esse *workaholic* ainda encontra tempo para uma atividade inusitada: é compositor de sambas-enredo para escolas no Rio de Janeiro e em São Paulo.

FAMA Marcelo Adnet fala sobre convite para entrar na política: “No dia em que eu enlouquecer, penso nisso”

Sua atuação durante a Copa do Mundo teve um estilo bastante informal para o padrão Globo. Foi difícil aprová-lo?

O esporte na Globo tem uma estrutura bem menor do que a dramaturgia e eu funciono melhor com produções pequenas. Muitas vezes a gente usa uma lógica de produção da dramaturgia e isso torna todo o processo um pouco mais pesado, com mais gente envolvida. No caso do esporte, nossa equipe era reduzida e bastante ágil. Tudo que a gente gravava ia ao ar logo na sequência. Funcionou bem porque a Globo é uma emissora fantástica, e porque cobrimos a Copa com essa agilidade.

Você gosta dessa liberdade, é isso?

Dizendo assim parece que na Globo não há liberdade, e não é isso. É uma lógica completamente diferente.

Parece que você gosta de agir em um sistema mais solto, ágil, leve.

É como eu trabalho melhor, mas isso não é necessariamente uma forma para os outros. Digamos que, no esquema tático, esse formato me favorece.

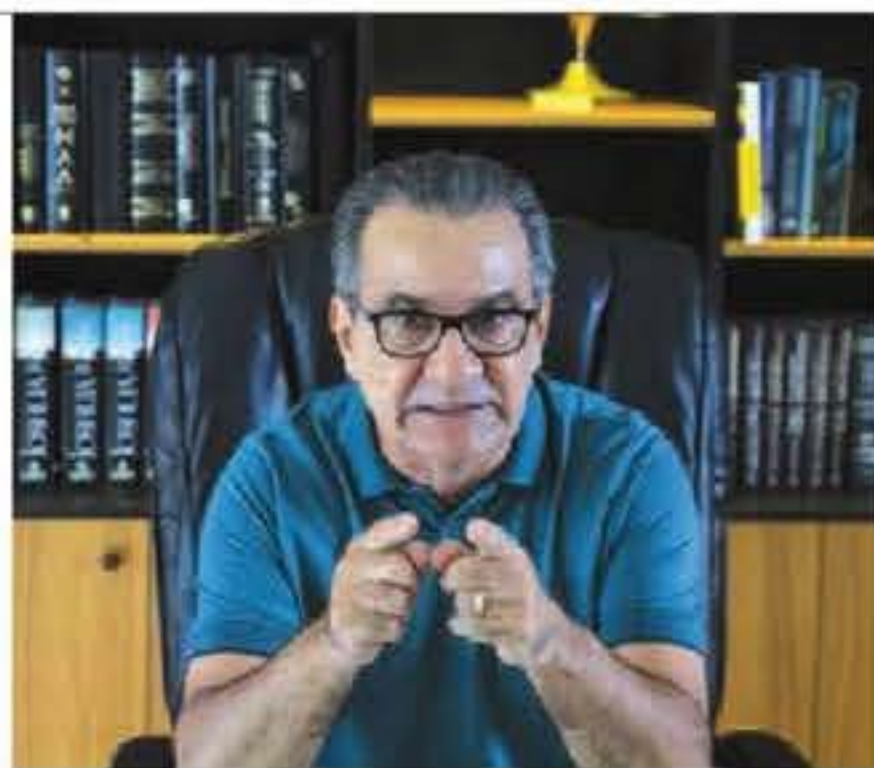
Ainda acredita em programas de humor nos formatos mais tradicionais, como *Zorra Total* e *A Escolinha?* Que tipo de humor se vê fazendo no futuro?

O que me dá prazer é fazer crônica. Pegar um acontecimento e brincar em cima disso. Também gosto de comédia musical, adoro compor e criar paródias. Gosto das imitações, do humor político. Sinto falta de programa com galera, de fazer esquete, contracenar. Mas o fato é que o humor passa por uma crise, por um reposicionamento. Na própria TV aberta quase não tem mais humor, praticamente acabou. Tem *A Praça é Nossa*, o talk-show da Tatá Werneck, o programa do Leandro Hassum. Mas o humor já teve mais espaço.

Por quê? O brasileiro está menos bem humorado?

Não acho que seja por causa do brasileiro. É um fenômeno da TV, não do público. Na internet dá para fazer humor com custo baixo. Não dá para fazer dramaturgia assim, porque é preciso que as pessoas acreditem que aquilo é real. Precisa de investimento. No humor você pode representar, é mais barato. Há milhares de humoristas nas redes sociais, uma galera que acha que o pessoal da TV é ruim, sem graça, ultrapassado. A internet cresceu e fez com que o humor de personagens fosse caindo. Até porque a internet trouxe personagens reais fabulosos. Então por que fazer um personagem se ele já existe?

Isso também é reflexo do mau momento na economia?

A crise econômica fez as grades de TV serem pressionadas por conteúdos diversificados e nichos definidos. A TV ficou com a dramaturgia e o jornalismo. Todos os programas fora disso ficaram apertados. É um processo complexo, derivado de muitas coisas. Mas é uma coisa de momento, não acho que seja definitivo. Os canais terão de reagir, buscar de novo esse gênero tão necessário. Não só para ter a grade mais flexível, mais leve, mas porque o povo brasileiro é engraçado e gosta de rir.

"Nomes como Silas Malafaia (foto) e Edir Macedo são extremos, por isso há muitos pentecostais que não gostam ou até mesmo detestam essas duas figuras"

Em seu novo filme, *Nas ondas da Fé*, você faz o papel de um locutor que vira pastor só para ficar rico. O que acha do mundo evangélico?

É um desafio enorme para a sociedade brasileira entender o que é o fenômeno pentecostal e neopentecostal. Vivemos esse fenômeno há muito tempo, mas nunca conseguimos explicar. Chamávamos os fiéis de ignorantes, depois dizíamos que a igreja era a única opção para essas pessoas por causa da desigualdade social. Depois avaliamos que era um fenômeno eleitoral, cujos estereótipos pioraram ainda mais a tensão e a incompreensão.

Qual é a ideia, então, do filme?

O objetivo é desmistificar isso. Claro que o filme quer fazer humor, quer contar a trajetória de um cara que é habilidoso, bem intencionado, e acaba exercendo um papel questionável. Todos nós fazemos papéis que não queremos, por um salário ou porque temos obrigações. Fora a elite, a massa brasileira agarra a primeira oportunidade que aparecer.

No filme, os líderes da igreja só querem o dinheiro dos fiéis.

Com certeza. Mostra que quem sobe ali dentro são os "cabeças", como o personagem "Grande Apóstolo". São eles que mandam. O cara nem aparece, mas quer ter uma TV, provavelmente para lavar dinheiro. É uma figura muito comum. Nomes como Silas Malafaia e Edir Macedo são extremos, por isso há muitos pentecostais que não gostam ou até detestam essas duas figuras. Você tem um líder carismático, que ninguém de fato confia, mas respeita e abaixa a cabeça porque ele é o líder. A massa de fiéis não tem essas características.

Na eleição, os evangélicos foram alvo da campanha de Bolsonaro. Após a eleição, ele nunca voltou a uma igreja.

Esses caras se envolvem com a política porque é um rebanho muito grande. É óbvio: como há um número de fiéis enorme e cada vez maior, passam a explorar isso eleitoralmente e financeiramente. Criou-se uma estrutura que abriga corrupção e mistura fé real com falsos profetas. Uma parte que pode ser podre e uma parte genuína para caramba, que são os fiéis.

Como ídolo popular e carismático, teria algum interesse em entrar para a política?

Já fui convidado. Foi um pré-convite do Otávio Leite (PSDB- **>>**

FOTOS: LEO MARTINS/AGÊNCIA O GLOBO; EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS

-RJ), na época em que eu estava na MTV. Sempre gostei de política, ele deve ter visto isso em algum lugar e me ligou. Até fiquei envaidecido, honrado por ele ter me enxergado nesse sentido. Fiquei feliz, mas eu tinha uma outra vida pela frente.

Você pensa nessa possibilidade mais para frente?
No dia em que eu enlouquecer, acho que sim. Há muita gente que não tem nada a ver com política se lançando, e isso se aprofundou de uns oito anos para cá. Com o fenômeno do Macaco Tião, do Tiririca e, mais recentemente, de figuras mais perigosas que eles, isso me faz pensar que tem espaço. No campo bolsonarista, da extrema-direita, teve muito. Gente que ficou dez anos sem fazer novela, de repente vira político, como Mário Frias e Regina Duarte.

Por que acha que essas pessoas foram para a política?
Muitos foram impulsionados pela falta de trabalho. Por estarem estagnadas, quiseram aproveitar a popularidade. A gente se pergunta: "como é que pode?" É que eles estão com tempo. Se a esquerda tivesse essa cara de pau, ia ser bem interessante, mais equilibrado. Acho que é necessário, inclusive. Mas eu não tenho coragem. Não tem nada a ver com a vida que eu levo.

Você está otimista em relação à cultura no novo governo? Tem esperança de que essa área destruída nos últimos anos possa ser salva?
Existe administração boa e ruim. Não sei se a próxima será boa, mas se for mais ou menos já está ótimo. Uma coisa que o Brasil tinha e não vai ter mais é um líder da pasta da cultura que tentava destruir a cultura. Mário Frias é um cara que não sabe nada de cultura, um cara extremamente limitado como político e pensador. Mas ele tinha uma missão: destruir a cultura. Assim como o presidente *(Sérgio Camargo)* da Palmares tinha como objetivo destruir a Fundação. Isso já é um grande marco: ter um ministro que queira impulsionar sua área, não destruí-la por vingança, revanche ou ressentimento. Então acho que sim, há uma esperança.

O discurso bolsonarista é muito crítico aos artistas. O que acha disso?
Há na cabeça das pessoas a ideia de que o artista é um vagabundo, um amador de dinheiro público. Bandidos antiéticos que fazem o 'L' porque querem ganhar milhões da Lei Rouanet.

Como reverter isso?
Com tempo. Não existe outra forma. Uma das estratégias do fascismo é acusar um grupo e persegui-lo para transformar suas críticas inválidas por virem de um grupo "contaminado, subversivo". Essa ideia de que o artista é um ladrão de cofre público foi construída com esforço de muita gente, inclusive das autoridades da cultura, da presidência da República, da sociedade civil. E essa estratégia deu certo.

Você tem esperança no Brasil?
Nada cai do céu, as coisas têm de ser construídas. As pessoas têm de ter capacidade de construir suas vidas e trajetórias de forma livre, sem muita interferência. Não estou falando do tamanho do Estado, mas desse clima dividido, odioso. Bolsonaro cutucava as minorias, artistas, jornalistas, mulheres, negros. Quando as pessoas começarem a tocar suas vidas, o País começará a andar sem clima de racha tão violento. Vai depender também se vai ter anistia ou não, se vai ter acordo para não prender ninguém. A herança depende do que acontecer agora.

Por que você parou de imitar o presidente Jair Bolsonaro?
Parei porque a política está perigosa, as pessoas me ameaçam, me pressionam. Lidar com a emoção das pessoas é perigoso. É um campo violento. Bolsonaro é uma figura nefasta e as minhas imitações ajudavam a suavizar sua imagem. Então pensei: será que vale a pena fazer graça com ele? Cabe fazer humor com um cara que para muitos promoveu uma espécie de genocídio? Foi aí que quis parar. Tenho uma filha para criar.

Esse mundo bizarro da extrema-direita acabou virando um tipo de concorrência para os humoristas?
Gente que reza para pneu ou pede intervenção de ETs é engraçada, embora eles façam um tipo de humor involuntário. O Brasil chegou a um ponto absurdo. Agora que podemos filmar essas pessoas, estamos tendo contato com um mundo que nunca tínhamos visto antes. São figuras surreais. Fica mais difícil para a gente.

Como sobra tempo para compor sambas-enredo para o carnaval?
Sempre adorei samba, desde pequeno. Amo ter que resumir uma história numa canção. A escola onde sou compositor fixo, a São Clemente, tem enredos irreverentes. Já fiz para Bangu, Ponte e Acadêmicos de Niterói. Ganhamos com a Dragões da Real, em São Paulo. Tenho um pequeno estúdio em casa e adoro me dedicar a essas composições. É uma boa oportunidade de aprendizado. ■

> "Gente que ficou dez anos sem fazer novela de repente vira político, como Mário Frias e Regina Duarte. Muitos foram impulsionados pela falta de trabalho"

FOTO: JARDIEL CARVALHO/FOLHAPRESS

CASA SANTA TERESINHA RECEBE PRÊMIO MUNDIAL NA CATEGORIA DERMATOLOGIA HUMANITÁRIA.
A Casa Santa Teresinha recebeu o prêmio mundial da Liga Internacional das Sociedades de Dermatologia, na categoria Dermatologia Humanitária para América Latina e Caribe. A sociedade internacional levou em consideração a contribuição e o trabalho humanitário voltado ao acolhimento de crianças e adolescentes com doenças congênitas de pele.
Localizada em São Paulo, ao lado da Igreja de Santa Teresinha, em Higienópolis, a Casa Santa Teresinha é uma instituição que ajuda crianças e adolescentes com doenças raras de pele. No local, elas participam de diversas atividades relacionadas à inclusão social, como arte e cultura, informática e inglês.
No espaço, também há atendimento multidisciplinar em saúde, como assistência social, fisioterapia, enfermagem, psicologia e outros. Além da Casa Santa Teresinha, receberam o prêmio representantes das entidades da Europa, Ásia, África e Oriente Médio.
CASA SANTA Teresinha

Editorial

Carlos José Marques, *diretor editorial*

A INSANIDADE DE BOLSONARO

Os convivas e interlocutores mais próximos estão preocupados. Nos derradeiros dias no Planalto, demonstrando ter perdido sinapses elementares de conexão com a realidade, o presidente Bolsonaro parece ter mergulhado de cabeça em um mundo paralelo. Como se estivesse em transe, criou a própria narrativa para os acontecimentos que o cercam. Acredita piamente em uma reviravolta a seu favor, que ocorreria em breve — tipo para já, de preferência antes da posse do seu opositor, o demiurgo de Garanhuns, Lula. Bolsonaro não tolera sequer ser contrariado nessa crença e entrou em estágio de imobilismo pleno. Não faz mais nada e não pensa em outra coisa. Dá sinais de um estado depressivo crônico que o leva a chorar copiosamente a qualquer momento, na frente de qualquer um. Outro dia, até diante de uma criança que o abraçava, se debulhou publicamente em lágrimas, deixando o menino assustado. Fez a mesma coisa em uma formatura de militares, semana antes. Com políticos da base, assessores, meros visitantes, o roteiro se repete. Um dos mais próximos auxiliares, ao presenciar a frequência com que a cena acontecia, comentou desolado o temor de que talvez o chefe tenha "perdido de vez a sanidade". Não está longe da impressão da maioria que cerca o capitão. Aliados receiam pela sua saúde mental após ele ter adotado como verdade absoluta ideias e mensagens as mais absurdas, a maioria embalada por fake news que se espalham nas redes sociais, via seguidores e fanáticos simpatizantes. A que o mandatário mais acredita e passou a incorporar como mantra: a de ter sido o legítimo vencedor da peleja eleitoral. Por legítimo, entenda-se qualquer coisa. Bolsonaro alega, por exemplo, que "a prova mais evidente está nas ruas", no apoio dos que mantêm vigília diante dos quartéis (meia dúzia de gatos pingados, ok, porém fiéis, aos quais reputa a demonstração "inequívoca" de uma popularidade hegemônica). A tal ponto Bolsonaro mostra-se convicto disso que voltou a pedir ao cacique do PL, Valdemar Costa Neto, que apelasse formalmente ao TSE pela anulação do escrutínio, passando a declará-lo como o escolhido pelas urnas. Pode parecer estapafúrdia a demanda, mas foi isso mesmo que ele fez. Naturalmente, dessa vez – após o papelão de ter insinuado fraude sem provas e de ter levado uma multa superior a R$ 22,9 milhões por litigância de má-fé com o fajuto relatório de conclusões que apresentou –, o ex-mensaleiro Valdemar saiu pela tangente e declinou da tarefa. Não iria embarcar em mais uma canoa furada, sob risco de perder a autoridade que resta à coligação, cujo mandatário figura, por enquanto, como principal estrela. Não tem jeito. Bolsonaro está só, perdido em seus pensamentos. Nenhum deles de boa índole. Ao menos no tocante a um comportamento civilizado, republicano, esperado de um chefe da Nação prestes a passar a faixa, mesmo que simbolicamente falando. A perspectiva de golpe segue no radar. Decerto apenas no dele, fique claro! Nem mesmo os filhos dão crédito ou pelotas à ameaça. Simplesmente, não levam a sério. Já admitiram que acabou. Pedem compaixão e compreensão ao momento vivido pelo pai. Familiares foram aconselhados a levar o presidente para uma avaliação médica mais detalhada. A última cruzada em forma de alerta, como um prognóstico apocalíptico do Messias "mito", é de que "algo decisivo irá acontecer entre o Natal e o Ano Novo". Efetivamente existem apenas os devaneios, típicos de um Dom Quixote contra os moinhos. Os detratores mais ácidos dizem pior: estão tratando Bolsonaro como uma espécie de Napoleão de hospício. A não aceitação da derrota evoluiu para um estágio de bloqueio de todos os fatos. Por exemplo: para o mandatário, os militares estão todos ao seu lado, como uma guarda pretoriana pessoal e não uma força de Estado, bastando apenas uma ordem para acabar com tudo e restabelecer a vontade "da maioria" de garantir a sua permanência no Planalto. Há quem alegue que ele pode, efetivamente, "cometer uma loucura". Outros – das fileiras de aliados, diga-se –, como o deputado federal Otoni de Paula, reclamam do silêncio presidencial que "beira a covardia". Nem uma coisa, nem outra. Absolutamente corriqueiros os delírios de alguns ocupantes do poder. Em tempos remotos e circunstâncias distintas, o então presidente Jânio Quadros, antes de renunciar, falava em "forças ocultas", que certamente habitavam apenas a sua mente. Talvez sejam as mesmas forças que estão a mover o discernimento do capitão nos dias de hoje. ■

FOTO: REPRODUÇÃO

Sumário

Nº 2761 – 28 de dezembro de 2022
ISTOE.COM.BR

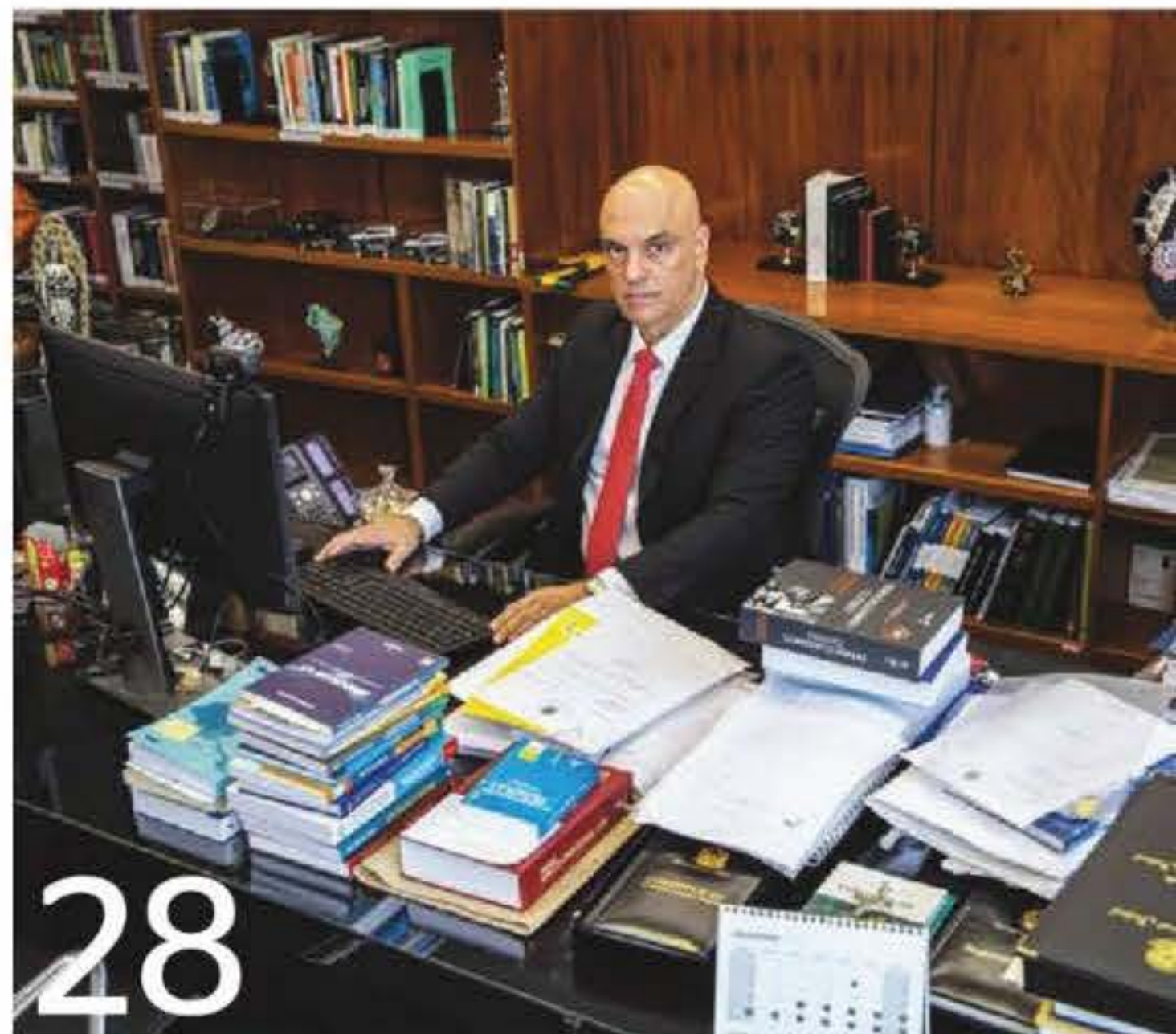
20

BRASIL Com manifestações de claro desequilíbrio emocional e de baixo limiar de tolerância à frustração de perder as eleições, Jair Bolsonaro não discerne a realidade da fantasia. A situação agrava-se com o pavor de ser preso

60

INTERNACIONAL Japão investe pesado em armamentos, respondendo ao poderio bélico da China e Coreia de Norte, seus históricos rivais

62

CULTURA Livro mostra a originalidade e o talento da arquiteta modernista Lina Bo Bardi na criação de cadeiras

28

CAPA **ISTOÉ** elege as personalidades que se destacaram nas mais diversas áreas ao longo de 2022 – o título de Brasileiro do Ano é concedido ao ministro Alexandre de Moraes (foto) por sua irretocável conduta em defesa da democracia e na condução do processo eleitoral

FOTOS CAPA: GERSON MILITÃO; MARCOS HERMES; YGOR MARQUES; RICARDO STUCKERT; MARCO ANKOSQUI; JOÉDSON ALVES; GABRIEL REIS; ARQUIVO PESSOAL
FOTOS EDITORIAIS: PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; JOÉDSON ALVES; KAZUHIRO NOGI/AFP; NIELS ANDREAS/FOLHAPRESS

por Germano Oliveira

Diretor de redação de ISTOÉ

DO PLANALTO PARA A PAPUDA

Bolsonaro está deixando o Palácio do Planalto em um caminhão de mudanças, mas deveria mesmo era sair num camburão em direção à Papuda, devido aos crimes que cometeu durante seu mandato. O mais grave deles nem foi enfraquecer as instituições e tentar dar um golpe contra a democracia, pois, desde o início, estava claro que os militares não embarcariam nessa aventura. Bolsonaro agiu o tempo todo como Napoleão de hospício, achando que em algum momento receberia o respaldo dos fardados para fechar o STF, amordaçar o Congresso e reviver o AI-5. O maior crime cometido por ele, de fato, foi negar a existência da Covid, retardando a compra de vacinas e, assim, matar milhares de brasileiros. Isto sim lhe valeu o título de genocida.

Para a sorte de milhões de brasileiros que desejam um País justo para todos, não há mal que dure para sempre e chegou a hora de podermos reconstruir o que o bolsonarismo arrasou. Por isso, antes de mais nada, Lula terá que montar uma equipe com ministros técnicos, e com menos petistas de carteirinha ou indicados pelos partidos fisiológicos que formarão a base de sustentação do governo. Basta ver o que aconteceu com o mensalão e depois com o petrolão quando o governo petista resolveu lotear os cargos públicos em troca de apoio político. Não deu certo e certamente não dará agora.

Para arrumar a casa, Lula vai precisar que Haddad tome as medidas certas quanto ao controle dos gastos públicos. Não adianta só conceder benefícios sociais aos mais pobres, distribuir benesses com juros subsidiados para setores ineficientes e gastar dinheiro público para tentar dinamizar a economia. A nova equipe econômica precisa chegar a agosto com a adoção de uma nova âncora fiscal para sinalizar como o País vai conter as despesas da União. Os investidores nacionais e estrangeiros querem ter a garantia de que construiremos um governo com responsabilidade fiscal.

O País precisa, além de conter as despesas, arrecadar mais e de forma mais ordenada, buscando dinheiro junto à iniciativa privada para investimentos em grandes projetos de infraestrutura, para a geração de emprego e renda. Se Lula insistir nesse discurso de que "não vamos privatizar nada", estaremos indo na contramão do mundo e, possivelmente, caminhando para o buraco. Precisamos, sim, de recursos privados e de PPPs para dinamizar nossa economia. Caso contrário, vamos para o Dilma 2 e logo estaremos no desastre completo da inflação e juros altos, associados a um PIB negativo. É recessão que se chama? O Brasil precisa ser mais Lula 1 e menos Dilma 2.

Além de arrumar a bagunça deixada por Bolsonaro, vamos necessitar da astúcia do ministro Alexandre de Moraes para punir o capitão pelos crimes que cometeu e contar com a eficiência da Justiça da primeira instância para analisar e julgar os crimes comuns praticados pelo mandatário. Aqui se faz, aqui se paga, diz a Bíblia.

FELIZ ANO NOVO, DE NOVO

Em 2022, o código foi de luta, resistência e, sobretudo, superação. Foi preciso muito embate para defender a democracia, a integridade das instituições e evitar que o País se transformasse em uma Mississipi em chamas. Foi preciso muita resistência para não ser tragado pelas hostilidades e violência produzida artificiosamente e que, afinal, colocou em risco a integridade física, psicológica, patrimonial, e, não perdoou nem a santidade da amizade nem a sacralidade da religião. No auge da loucura instalada amigos digladiaram e se eliminaram em praça pública e o chão sagrado do templo foi maculado e tingido com sangue de fiéis. Tudo em nome de um cálculo frio e despido de razão e humanidade. Tudo vertido para vergar e subordinar pessoas e destruir instituições com o objetivo único e final instalar a desordem e, a partir do caos decretar a submissão e instituir a opressão. Foi a resiliência e a fortaleza da razão democrática e o fulgor do amor

Foi-se a tormenta, passou a tempestade. Agora que o pesadelo se tornou sonho lindo de verão é hora de começar a arrumar a casa

por José Vicente

Reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares

à liberdade que convocou e armou a resistência cidadã. De novo as forças vivas do Brasil puderam denunciar e desnudar o golpe travestido, e, com tenacidade, entrega e coragem civil, lutar e resistir em cada trincheira da sociedade. Finalmente, com o voto, a arma democrática mais potente e valiosa foi possível enfrentar, combater e vencer as forças malfazejas do lado escuro da lua.

Foi-se a tormenta, passou a tempestade. Agora que o pesadelo se tornou sonho lindo de verão, é hora de começar tudo de novo. Arrumar a casa, consertar os telhados, reconstruir a cerca, limpar os entulhos e recapear as estradas. Capinar e fazer florescer novamente o jardim. Essas são as primeiras tarefas que se apresentam depois do tsunami que inundou nossos rios e riachos e quase nos lançou e afogou no mar. Para o novo sol que se põe a brilhar nossa certeza de que a paz, a concertação e a serenidade são condições inegociáveis de construção do debate, confrontamento das idéias e repouso das convergências e das divergências na construção de consensos sociais. E que, o limite, inexerovalmente, é a aceitação do melhor argumento, da melhor e mais justa decisão, e, no limite da vontade maioria dos cidadãos.

Chegamos perto dos anos velhos da força e do medo. Agora, com a correção dos rumos e superação dos erros e equívocos que nos trouxeram à beira do precipício é hora de retomar novamente o caminho da construção rumo a civilização, livre, pacífica e de iguais. Para todos que resistiram, acreditaram, lutaram e não fizeram concessões feliz, ano novo. De novo.

por Marco Antonio Villa

Historiador

OS DILEMAS DE LULA

Luiz Inácio da Silva não imaginava tantas dificuldades para organizar o seu ministério e, mais ainda, para desenhar os gastos orçamentários para 2023. Provavelmente supôs que estava em 2002, em uma conjuntura, tanto nacional como internacional, relativamente tranquila, Quadro absolutamente diverso do que estamos assistindo desde a noite de 30 de outubro e que, provavelmente, não se dissipará nos primeiros meses do seu governo. As promessas eleitorais - absolutamente razoáveis - para serem concretizadas necessitarão de uma base congressual segura e, mais ainda, de recursos orçamentários que não sinalizem irresponsabilidade fiscal e desprezo por medidas econômicas indispensáveis para conter a inflação. Sem as quais o País não retomará o crescimento econômico e a necessidade de ampliar urgentemente o emprego e de geração de renda.

Não conheço na história da República um presidente da Câmara dos Deputados tão poderoso como Arthur Lira. Tivemos figuras emblemáticas como o célebre Dr. Ulysses Guimarães, mas aí era uma liderança no campo ético-republicano. Não é o caso do deputado alagoano. Tem uma bancada própria, suprapartidária, a maior da Câmara. Nada é aprovado sem a sua concordância, o que se repetirá no biênio 2023-2024, pois será reeleito presidente da Câmara dos Deputados. A disputa Lula-Lira tem de ser resolvida no campo republicano sob o risco de inviabilizar o próximo, no mínimo, biênio presidencial, e manter a tensão política com péssimos reflexos no campo econômico. Já estamos assistindo um preâmbulo deste embate no câmbio e na Bolsa.

É fundamental para Lula não perder capital político. Mais ainda quando sequer assumiu à Presidência da República. A ausência — quase um abandono de emprego — de Jair Bolsonaro das tarefas mais simples do mais alto cargo do Executivo Federal, deixa o País em compasso de espera. A transição não está sendo realizada como

Não conheço na história da República um presidente da Câmara dos Deputados tão poderoso como Arthur Lira

todas as anteriores desde 1990. Em alguns ministérios, seus titulares já deixaram seus cargos entregues aos subordinados. Em outros, dados importantes foram subtraídos dos arquivos eletrônicos. Faltam informações básicas sobre o passado recente o que dificulta o planejamento das ações do novo governo.

Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin (neste caso vamos ver como o Vice-Presidente da República participará efetivamente da administração) vão ter de demonstrar enorme habilidade política para manter as negociações com o Congresso nos marcos republicanos e não frustrar milhões de brasileiros.

Frases

“O fim da dupla Simone e Simaria foi o período mais difícil da minha vida. Mas, agora, bola para frente”

SIMONE, cantora, ao lançar o seu disco *Cintilante*

“NÃO TENHO DIREITO DE PEDIR MAIS NADA A DEUS”

LIONEL MESSI, jogador da seleção argentina de futebol, após a conquista da Copa do Mundo, por seu país

“Às vezes, só entendo os meus poemas quando os performo”

LUIZA ROMÃO, escritora

“NA MINHA COZINHA O DESPERDÍCIO É ZERO. CRESCI EM CIDADE PEQUENA E SEI O VALOR DAS COISAS”

ALESSANDRA MONTAGNE, chefe brasileira, proprietária de um restaurante em Paris

“NÃO SÃO VOCÊS QUE TERÃO DE VIR AO PRESIDENTE, MAS, SIM, O PRESIDENTE É QUE TERÁ DE CHEGAR A VOCÊS”

LULA, presidente eleito, durante o evento Natal dos Catadores em São Paulo

“Eu realmente me arrependo de ter feito *Tubarão*”

STEVEN SPIELBERG, cineasta norte-americano, atribuindo ao filme o aumento da pesca predatória do animal

FOTOS: FERNANDA TINE/GLOBO; FABIO FERRARI/ZUMA PRESS/FOTOARENA; ANDREA STACCIOLI/ALAMY/FOTOARENA

COMO SE DESTACAR NA BLACK FRIDAY

Empresas já se preparam para uma das maiores datas comerciais do mundo, e sair na frente dos concorrentes é o maior desafio nesse período

Datas sazonais são ótimas para vender e ninguém pode negar. Mas já parou pra pensar em aproveitar a oportunidade para também se relacionar melhor com seu público? A Black Friday não deve ser apenas sobre vender mais, ela é uma oportunidade de construir relações com seus clientes e fortalecer sua marca.

Campanhas promocionais com foco apenas no menor preço e descontos colhem resultados de curto prazo e não contribuem para fidelizar clientes no longo prazo. O que acontece com os clientes que compraram um produto seu com desconto durante essa data depois que ela acabar? Ele voltará a comprar com você sem o desconto?

Além disso, o consumidor é bombardeado por ofertas parecidas e fica com dificuldade em escolher a melhor. Campanhas inteligentes conseguem se destacar sendo diferentes.

CONSTRUIR RELAÇÕES É MAIS IMPORTANTE DO QUE DAR DESCONTOS

Criar conexões verdadeiras com seus clientes resultará em relacionamentos duradouros, sem uma espera por descontos expressivos em seus produtos.

O marketing de recompensas pode ser um grande aliado das empresas na Black Friday. Uma pesquisa conduzida pelo grupo Aberdeen demonstra que as promoções baseadas em recompensas aumentam em 6% a rentabilidade por cliente, quando comparadas com promoções baseadas em descontos. Essa estratégia pode ser usada para diversos objetivos, como incentivar o engajamento, gerar intenção e aumentar frequência de compra, além de minimizar potencial de receita perdida devido a descontos.

CAMPANHAS DE MARKETING DE RECOMPENSAS NA BLACK FRIDAY

Serviços financeiros, varejo ou serviços de assinatura, não importa o segmento, ser recompensado é bom e todo mundo gosta. As possibilidades do marketing de recompensas são inúmeras e os benefícios também: diferenciação dos concorrentes, traz maior percepção de valor, pode ser usada por empresas de todos os tamanhos e permite campanhas personalizáveis.

COMPROU, GANHOU: Ofereça recompensas alinhadas ao seu nível de investimento e personalizadas de acordo com público e produto. A campanha pode estar atrelada a comportamentos que sua empresa deseja incentivar, como compra no cartão de crédito.

POR TICKET MÉDIO: Ofereça recompensas condicionadas a um gasto mínimo. Ganhe nas compras a partir de um ticket médio específico.

RECUPERAÇÃO DE CARRINHO: Faça uma campanha para todos que abandonaram o carrinho, oferecendo uma recompensa na compra.

ABERTURA DE CONTAS: Com o crescimento das fintechs, o mercado se encontra saturado de ofertas. Para se diferenciar, ofereça uma recompensa para cada abertura de conta com um valor de investimento mínimo.

CICLO DE VIDA DE CARTÕES: Uma coisa que todos precisam na Black Friday é um meio de pagamento. Por que não incentivar o uso do seu cartão para compras durante o período?

ASSINATURA ANUAL: Incentive o comprometimento de longo prazo na hora de escolher entre um plano mensal ou anual e obtenha contratos mais longos.

CASHBACK EM RECOMPENSAS: Incentive a recorrência recompensando mensalmente quem assinar seu produto durante o período de Black Friday. Ao agregar valor todo mês, você cria várias experiências positivas entre seu cliente e sua marca.

por Germano Oliveira

Colaboraram: Marcos Strecker e Ana Viriato

Brasil Confidencial

JEITINHO Com apoio do PT, Câmara aprova mudança na lei que permite Mercadante presidir o BNDES

Lula começa mal

O novo governo começa mal ao compactuar com a Câmara na mudança, a toque de caixa, na Lei das Estatais. Para acabar com a corrupção de políticos que assumiam cargos nas empresas públicas e dilapidavam o seu patrimônio, Temer conseguiu aprovar uma lei que proibia políticos de serem nomeados para diretorias de estatais se não respeitassem um prazo de pelo menos 36 meses desde que deixassem de ocupar funções partidárias. Assim, políticos que participaram da campanha de 2022 não poderiam ser nomeados agora para postos em estatais. Era o caso de **Aloizio Mercadante**, um dos coordenadores da campanha de Lula. Para permitir que pudesse ser indicado para a presidência do BNDES, a Câmara mudou a Lei das Estatais, estabelecendo um prazo de apenas um mês para a desincompatibilização partidária.

Petrobras

Enganam-se os que acham que a lei só mudou por causa de Mercadante. Há uma fila de outros políticos da base aliada de Lula que estão aguardando a mudança na lei promovida sob orientação de Arthur Lira para pegar uma boquinha nas estatais. É o caso de Jean Paul Prates, que espera ser alçado por Lula à condição de presidente da Petrobras.

Lira

Arthur Lira não entra em jogo algum se não for para ganhar. Tanto assim que o projeto para mudar a Lei das Estatais foi apresentado pela deputada Margarete Coelho, sua aliada. É que, com a mudança na lei, Lira vai poder forçar Lula a abrir 587 novos cargos para políticos nas 302 estatais brasileiras. Mas o que ele quer mesmo é um ministério.

Guerra no Ceará

Logo que começou a circular que Lula nomearia Izolda Cela, governadora do Ceará, para o Ministério da Educação, o PT começou a tripudiá-la. O partido não quer abrir mão dos ministérios mais importantes e o da Educação é um deles. Para fritar Izolda, o PT chegou a dizer que ela era ligada à Fundação Lemann, que tem atuação na área da educação. Agora, o favorito é o ex-governador Camilo Santana (PT-CE).

RÁPIDAS

* O PSD de Kassab deve emplacar dois nomes no ministério de Lula e tenta encaixar um terceiro. Já estão quase certas as indicações de Alexandre Silveira para a Infraestrutura e de Pedro Paulo para o Turismo. A tentativa agora é de Carlos Fávaro para a Agricultura.

*** Lula deve nomear mais duas mulheres nos próximos dias para o seu ministério. Nísia Trindade, presidente da Fiocruz, deve ir para a Saúde e Luciana Santos, presidente do PCdoB, deve ir para o Ministério da Mulher.**

* Antes de se mudar para o Palácio do Alvorada com a Janja, Lula vai morar um tempo na Granja do Torto, onde residiu no primeiro mandato, por causa de reformas no Alvorada. Até recentemente, Paulo Guedes vinha morando no Torto.

*** Cada vez mais ministros de Dilma Rousseff ficam próximos de Lula 3. Além de Mercadante e Mauro Vieira, o novo presidente deve escalar Alexandre Padilha para Relações Institucionais. Com Dilma, foi ministro da Saúde.**

FOTOS: MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL; JARBAS OLIVEIRA/FOLHAPRESS; MATEUS BONOMI/AGIF/AFP; PABLO VALADARES/CÂMARA DOS DEPUTADOS; GABRIEL REIS

RETRATO FALADO

"Lula me pediu para colocar o pobre no orçamento e o rico no IR"

Em visita aos catadores de rua de São Paulo na quinta-feira, 15, o novo ministro da Fazenda, ***Fernando Haddad****, disse que o presidente eleito lhe pediu para viabilizar recursos que atendam as demandas da categoria, já que os ricos pagam menos impostos do que os pobres no Brasil. No evento, Lula voltou a chorar em função da extrema miséria em que vivem os moradores de rua e afirmou que, ao assumir a Presidência, os catadores terão mais dinheiro para seus projetos.*

TOMA LÁ DÁ CÁ

CARLOS ZARATTINI, DEPUTADO PELO PT-SP

Qual o impacto da derrubada do Orçamento Secreto para o novo governo?

Apesar do estresse com o Legislativo, o Supremo Tribunal Federal garantiu a criação de um espaço fiscal "extra" de R$ 19,4 bilhões.

Arthur Lira perde força na corrida pela presidência da Câmara ou a recondução dele já está sacramentada?

Não digo que a reeleição está sacramentada, mas ele continua muito forte. O PT, pelo menos, não discute rever a posição de apoio a Lira.

Com a garantia do Bolsa Família fora do teto, o PT ainda pretende discutir uma nova âncora fiscal?

A discussão sobre a nova âncora continua viva. Queremos fazer uma nova sistemática de regramento fiscal, com o substituto do teto de gastos e a reforma tributária.

Frente ampla?

Desde que se elegeu, Lula vem dizendo que sua candidatura se devia a uma frente ampla formada para derrotar Bolsonaro, contando com a união de quase 15 partidos, incluindo PSB, PSOL, PCdo B e Rede. E que essa frente foi ampliada com a adesão ao seu nome de partidos como o MDB e PDT no segundo turno. Mas bastou começar a fase de formação do novo governo para que essa frente ampla se dissolvesse. Só estão tendo espaço na Esplanada dos Ministérios nomes de petistas ou de pessoas ligadas ao presidente eleito. Nomes de outras legendas não têm tido o menor espaço. E quando têm os nomes aventados, logo são detonados e devidamente fritos junto ao presidente.

Simone Tebet

Esse é o caso de Simone Tebet. Ela teve papel fundamental na alavancagem do petista junto à ruralistas e Lula lhe prometera o Ministério do Desenvolvimento Social, mas o PT a detonou. Não quer vê-la à frente de um ministério que tem o Bolsa Família sob seu guarda-chuva. Medo que faça sombra ao PT em 2026.

PSB se move

Expoentes do PSB dão como certa a divisão do Ministério da Infraestrutura, cujo Orçamento de 2023 está estimado em R$ 17,2 bilhões, e se movimentam para emplacar **Márcio França** na pasta que ficará à frente da gestão de portos e aeroportos, que cuida, por exemplo, do gigante Porto de Santos. A sigla já chefiou o órgão no governo Lula 2 e Dilma 1.

Virou sonho

O que Márcio França queria mesmo era o Ministério das Cidades, mas o PT e o pessoal de Guilherme Boulos atropelou esse sonho. Se não der certo a indicação para a Infraestrutura, o ex-governador vai ter que acabar aceitando a Ciência e Tecnologia, como estava previsto inicialmente. França é ligado a Alckmin, que sofre para emplacar seus aliados.

PT X PT

A Secretaria-Geral da Presidência passou a ser peça-chave do Planalto. Não à toa, virou alvo de intensa disputa. Para vencer a corrida, Márcio Macêdo, tesoureiro do PT, busca difundir a tese de que o posto precisa ficar nas mãos de um dirigente partidário. Visa enfraquecer Marco Aurélio de Carvalho, que, embora filiado à sigla há 29 anos, não integra a executiva petista.

Coluna do Mazzini

TEBET NA LISTA PARA O STF

O silêncio ensurdecedor da senadora Simone Tebet (MDB-MS) nessa transição surpreende os maiores entusiastas de que ela assuma um ministério, mas o que falta em palavras sobra em expectativa no que pode ser um trato em sigilo. O assunto começou à boca miúda entre os próximos do presidente eleito, Lula da Silva: ela é a potencial sucessora da ministra Rosa Weber no Supremo Tribunal Federal. Lula já disse que deseja indicar uma mulher com a aposentadoria de Rosa em outubro. O metiê que cita Tebet elenca suas qualidades curriculares de advogada, jurista e professora - além da ficha limpa política. E há no histórico do STF o desfile de toga de antigos mandatários do Congresso, como os ex-senadores Maurício Corrêa (1994-2004) e Nelson Jobim (1997-2006). No circuito de apadrinhamento em setores da sociedade, Tebet ainda pode ter o apoio forte do agronegócio - que, hoje, não tem "representante" na Corte. Assuma ou não um ministério agora, ela é, por ora, o nome na mesa de Lula para o Supremo.

A senadora aguarda em silêncio o desenrolar das tratativas para a Esplanada, enquanto seu nome circula na lista de Lula para a vaga de Rosa Weber

Pesca volta, e PDT morre na praia

Contrariando apelo de aliados do agronegócio, Lula da Silva bateu o martelo sobre a recriação do Ministério da Pesca. A estrutura, porém, será enxuta, garantiu um integrante do grupo de transição. A exemplo de outras pastas da Esplanada, haverá o compartilhamento de departamentos administrativos. Entidades do setor defendem publicamente que o ex-ministro Altemir Gregolin reassuma o posto. Já o PDT do boquirroto Ciro Gomes morreu nessa praia. Esperançoso, Carlos Lupi, presidente da legenda, não pediu cargos na conversa recente com o presidente eleito. Mas também não ouviu nenhuma promessa de que seu partido vai ocupar um ministério.

AME: R$ 1 bi de custo

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, mostrou a aliado a conta judicial da pasta com 100 processos para cobrir custos de famílias de crianças com a doença Atrofia Muscular Espinhal. "É melhor ter política pública do que gastar. Não é a caneta perdulária do doutor de branco nem a caneta generosa do doutor de preto que vão resolver a situação".

Câmara tem 158 pedidos de impeachment

O presidente Jair Bolsonaro leva uma conta amarga no currículo. Acumulou 158 pedidos de impeachment na Câmara dos Deputados. O primeiro foi protocolado em 5 de fevereiro de 2019: Denúncia por crimes de responsabilidade e omissão. Também constam na Câmara 13 pedidos de impeachment contra o vice-presidente Hamilton Mourão (Republicanos) e alguns ministros que já passaram ou fazem parte do atual Governo. O último pedido contra o presidente foi apresentado em 8 de novembro pelo senador Jean Paul Terra Prates (PT-RN), que o acusou de apoiar o ministro Fabio Faria, em outubro, para atacar o sistema eleitoral.

FOTOS: WALTERSON ROSA/MS; CARLA CARNIEL/REUTERS/FOTOARENA; EVARISTO SA/AFP

por Leandro Mazzini

Colaboraram: equipe de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo

Faria é o novo ex-bolsonarista

Um dos coordenadores da campanha presidencial de Jair Bolsonaro, o ministro das Comunicações, Fábio Faria, fez movimentos de aproximação com o ministro do STF Alexandre de Moraes. Ele tenta se desvincular da ala ideológica do Governo que questiona a independência do TSE e a segurança da urna eletrônica. Moraes prometeu empenho para punir a difusão de notícias falsas e ataque a instituições. Semana passada, o deputado potiguar participou de um convescote na casa de Bruno Dantas, novo presidente do TCU. Além da cúpula do Judiciário, trocou boa prosa com membros do Governo eleito do PT.

Campeões de gastos com as cotas

Brasília já tem os campeões em gastos com as cotas de verbas de gabinetes na Câmara dos Deputados desse ano, segundo levantamento da Coluna, e ninguém vai superá-los. São Marreca Filho (Patriota-MA), com R$ 487 mil; Mara Rocha (MDB-AC), R$ 479 mil; e Bibo Nunes (PL-RS), R$ 477 mil.

Bom dia e tchau, Tibé

Partidos nanicos que apoiaram a eleição de Lula da Silva receiam não ter espaço na Esplanada. O Avante, do deputado das mídias André Janones, tenta emplacar o presidente do partido, Luís Tibé, como ministro. Em reunião com o presidente eleito, ele esperava receber um convite, mas só ouviu que está difícil conciliar todos os pedidos.

Nova Granja do Torto?

A Confederação Brasileira de Futebol vai construir um Centro de Desenvolvimento de Futebol na Floresta Amazônica de Macapá, longe das capitais mais populosas e num Estado sem tradição no futebol no País. A Portaria nº 70 do Ministério do Turismo e o Iphan autorizaram contratação de dois arqueólogos para acompanhar o projeto.

NOS BASTIDORES

Bolsonaro em Brasília

Depois de dicas para ficar longe de Brasília, em ilha de Angra ou casa em Miami, a família Jair Bolsonaro decidiu morar numa casa de condomínio do Park Way, na capital.

Prates na Petrobras

O senador Jean Paul Prates (PT-RN) será mesmo o presidente da Petrobras. É o nome que mais agrega no setor. Ventilou-se no GT o nome de Dilma Rousseff. Ela ficou na lista, não rechaçou. Mas não levou.

Suítes parlamentares

A Câmara tem excelentes 432 apartamentos próprios para vossas excelências. Mas há quem prefira receber o auxílio moradia (R$ 4.253 / mês) para ficar numa suíte de hotel. De janeiro a novembro, foram pagos R$ 5,25 milhões a 144 deputados.

Regulação da internet

A ordem na futura Secretaria de Serviços e Direitos Digitais, que ficará no bojo do Ministério das Comunicações, é regular serviço de internet longe de censura. Mas há ideia para concessão de portais.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista

Semana

por Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

PESQUISA
Futuro: expectativa positiva em 76% dos entrevistados

3 a cada 4
cidadãos do Brasil declaram-se otimistas em relação ao novo ano

SOCIEDADE

Perguntada sobre 2023, a maioria dos brasileiros cita a palavra esperança

Dados de levantamentos feitos pelo Observatório Febraban e Radar Febraban (Federação Brasileira de Bancos): três a cada quatro brasileiros se dizem otimistas em relação a 2023 – esperança, alegria e confiança foram as expressões mais ditas nas pesquisas que ouviram cerca de três mil entrevistados em todas as regiões do País. A palavra esperança ganhou 38% de citações. 76% das pessoas consultadas estão mantendo expectativa positiva em relação ao ano novo. "O Observatório Febraban mostra que a esperança é o principal sentimento para 2023, **sobretudo entre as mulheres e nos pontos que dizem respeito à queda do desemprego e ao acesso maior ao crédito"**, diz o conceituado sociólogo e cientista político Antonio Lavareda, presidente do Conselho Científico do Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (Ipesp).

CULTURA

Pela realização da revista *seLecT*, Paula Alzugaray recebe o Prêmio Governo de São Paulo para as Artes

EXCELÊNCIA Edições de *seLecT* e o prêmio: a mais conceituada publicação de Arte e Cultura Contemporânea

Paula Alzugaray, pós-doutorada em História, Crítica e Teoria da Arte pela USP, recebeu o Prêmio Governo de São Paulo para as Artes, **na categoria Comunicação Cultural**, pela realização da revista *seLecT* – a mais conceituada publicação de Arte e Cultura Contemporânea a atuar nos campos social e político. "Agradeço a Sérgio Sá Leitão, secretário de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, pelo resgate desse Prêmio", diz Paula, editora responsável e diretora de redação de *seLecT*. "Trata-se de apoio e reconhecimento das artes pelo Estado. Juntos somos fortes". **Nas quatro edições de 2022, a revista apurou e refletiu, com inteligência e rigor metodológico, a relação Arte e política a partir de revisões históricas à luz do centenário da Semana de 22 e do Bicentenário da Independência**. Em 2021, com idêntica excelência e "diante da destruição socioambiental da Amazônia pelo governo Bolsonaro, as quatro edições contemplaram a produção artística e intelectual dos habitantes das florestas dos Estados Amazônicos". E o futuro? "O governo Lula terá estatura para resgatar o respeito à Cultura e recolocá-la em seu lugar de alicerce do desenvolvimento social", afirma Paula.

O AMANHÃ Paula Alzugaray: "o governo Lula recolocará a Cultura em seu lugar de alicerce do desenvolvimento social"

FOTOS: ISTOCKPHOTO; DRIES VAN STEEN

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE DEZEMBRO Sérgio Cabral deixa unidade da PM: rumo a Copacabana

JUSTIÇA

Por que Cabral foi solto

É justa a indignação da maioria dos brasileiros com a soltura do ex-governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral, ocorrida na semana passada – ele era o último presidiário no âmbito da Operação Lava Jato. Condenado a mais de 400 anos de encarceramento por propinas e fraude em licitações, foi libertado pela Segunda Turma do STF, que o transferiu à prisão domiciliar com uso de tornozeleira eletrônica. Cabral está instalado em um apartamento no bairro carioca de Copacabana, com frente para o mar, onde foi recebido por seu filho Marco Antônio Cabral. É justa também a crítica à Justiça. E compreensível: como pode alguém com penas que somam quatro séculos, dadas em primeira e segunda instâncias, não ficar preso? Nesse ponto entra a lengalenga: é constitucional no Brasil o início de cumprimento de pena sem sentença condenatória transitada em julgado (quando não há mais recursos)? O STF decidiu que essa questão tem de ser resolvida pelo Congresso. Isso foi em 2019. O que fez o Legislativo? Absolutamente nada. Nesse pântano jurídico ocorrem aberrações como a que se vê na soltura do réu confesso Cabral. O STF, por sua vez, foi excessivamente garantista: se não está claro se alguém pode cumprir pena condenado apenas em duas instâncias, então uma prisão que já durava seis anos, como era o caso de Cabral, torna-se meramente aprisionamento preventivo – e ninguém, por força da lei, pode ficar encarcerado preventivamente por período tão longo (pobres e pretos podem, não é?) ele não foi inocentado; responderá aos processos em casa. Já passou da hora de o Congresso pacificar tal discussão.

RECEPÇÃO Cabral e o filho Marco Antônio: reencontro

FOTOS: ROBERTO MOREYRA/AGÊNCIA O GLOBO; INSTAGRAM/MARCO ANTONIO CABRAL

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

ISTOÉ

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Marcos Strecker

EDITORES: Ana Viriato (Brasília), Felipe Machado e Thales de Menezes
REPORTAGEM: Denise Mirás, Elba Kriss, Fernando Lavieri, Gabriela Rölke, Mirela Luiz, Taísa Szabatura e Carlos Eduardo Fraga (estagiário)
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim, Ricardo Kertzman e Rosane Borges

ARTE
DIRETORA DE ARTE: Renata Maneschy
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini, Therezinha Prado e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Editores-assistentes: André Ruoco e Heitor Pires
Reportagem: Alan Rodrigues, Carlos Carvalho, Cristiani Dias, Ingrid Rodrigues, Larissa Pereira, Letícia Sena, Mariana Stocco, Natália Ferreira e Vinícius Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Frédéric Jean
Pesquisa: Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Diretora de Marketing e Projetos:** Isabel Povineli **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante - Gabinete de Mídia - **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano - Dandara Representações - **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira - 1a Página Publicidade Ltda. - **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros - Wem Comunicação - **Tel.:** (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes - RR Gianoni Comércio & Representações Ltda - **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria - GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda - **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.** Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

ANER www.aner.org.br

SEMBLANTE
Bolsonaro no Palácio do Planalto, em agosto de 2021: presidente tem mostrado descontrole emocional

Dos tempos de Exército ao Planalto, Jair Bolsonaro sempre se orgulhou da atitude bélica estampada em público. Alinhavado ao poder desde 1989, o presidente parecia se sentir bem entre explosões autoritárias e uma constante incontinência verbal exibida quando contrariado. Nos últimos quatro anos, em especial, dizia que os rompantes o aproximavam do povo, apontava que quem se incomodava praticava "mimimi" e proferia xingamentos e acusações falsas em série contra algozes. Dado o histórico, desde as eleições, a claque que o apoiou espera uma aparição energética dele para capitanear a oposição e fazer frente ao retorno do PT à mesa de decisões. Bolsonaro, porém, está em transe. Na reta final do governo, não sabe como se manter relevante sem um mandato. Lamenta-se pelos cantos. Lança palavras sem fundamento ao vento. Seu comportamento preocupa aliados e familiares quanto à sua saúde mental.

Desde o segundo turno, Bolsonaro pouco trabalhou — soma menos de uma hora de atividades por dia, segundo as agendas oficiais. Nas raras aparições públicas, deu sinais de instabilidade. No final de novembro, em um jantar com a bancada de congressistas eleitos pelo PL, discutiu com Carla Zambelli na frente de correligionários e sequer fez um agradecimento aos presentes. Em 5 de dezembro, chorou em uma cerimônia de fim de ano das Forças Armadas, no Clube Naval de Brasília. Seis dias depois, voltou a cair em lágrimas ao abraçar uma criança du-

OS DELÍRIOS DE BOLSONARO

O presidente parece em transe e sonha com uma reviravolta que o mantenha no Planalto. Ele lamenta pelos cantos, chora em público e lança palavras sem fundamentos. Pessoas próximas se preocupam, enquanto apoiadores se revoltam com seu silêncio

Ana Viriato

rante um encontro com apoiadores na frente do Alvorada, no qual permaneceu em silêncio. Até ensaiou uma recuperação, mas caiu em depressão de vez ao ver caminhões de mudança retirando seus pertences do Alvorada e do Planalto. Viu que era mesmo o fim da linha.

O semblante deprimido é visto, sobretudo, a portas fechadas no Alvorada. Ali, Bolsonaro confunde-se entre os próprios pensamentos e dá sinais trocados aos poucos auxiliares e parlamentares que recebe. A um nome de seu círculo próximo, disse, durante uma conversa na residência oficial, na última semana, que deve abandonar a política. O interlocutor encarou a fala, seguida de críticas ao STF e ao TSE, como um mero "desabafo". Membros da bancada do PL na Câmara, porém, veem chances reais de o capitão pendurar as chuteiras. "Não imagino Bolsonaro fazendo uma oposição técnica e constante por quatro anos. Ele sempre fez política de adesão, do tipo 'se quiser, me siga', e não de entregas. Mas isso só funciona quando você está no poder ou é outsider", pontua um deputado, sob reserva. Na ala bolsonarista, começa a crescer o entendimento de que o capitão até permanecerá no partido e pode atuar como um "consultor informal", mas não se arriscará outra vez em 2026.

A outros aliados, o presidente dispara impropérios, demonstra ainda flertar com o golpismo e crer em uma reviravolta milagrosa que lhe renda a permanência no Planalto, embora não entre em detalhes. Tem trocado mensagens em aplicativos divulgando que tinha vencido as eleições, como se veiculasse as fake news para ele próprio acreditar, o que aumentou a apreensão de seus interlocutores. É

FOTO: EVARISTO SÁ/AFP

como se tivesse construído uma barreira mental para fugir da realidade da perda do poder, fazendo assessores dizerem a boca pequena que pode mesmo ter perdido a sanidade. Pessoas próximas tentam cortar as suas ilusões e se preocupam com algum gesto destemperado. Bolsonaro parece não ter compreendido que não tem qualquer guarida para uma investida antidemocrática. Nos bastidores, Valdemar Costa Neto nega-se a mover uma ação no TSE pedindo novas eleições sob alegação de fraude — até essa nova investida fantasiosa foi imaginada pelo mandatário. Mas o presidente do PL está calejado: ainda busca uma saída para livrar o partido da multa de R$ 22,9 milhões por questionar as urnas com base em uma auditoria fajuta e não quer se expor outra vez. Integrantes da coligação do capitão nas eleições deste ano, Progressistas e Republicanos, pragmáticos, reconheceram publicamente a vitória de Lula.

DESPEDIDA Michelle Bolsonaro se ajoelha durante oração de apoiadores de Bolsonaro no Palácio do Alvorada, na terça-feira, 20: a manifestação teve até "minuto de silêncio"

CHOQUE DE REALIDADE

São vários os sinais de desconexão com a realidade. Bolsonaro ficou desconcertado ao saber que o seu líder na Câmara, Ricardo Barros, já negociava com o objetivo de levar o PP para a base de Lula. No seu delírio napoleônico, achou que comandaria um exército formidável da oposição. Mas o choque de realidade já chegou. Sua base de apoio negocia cargos na nova gestão, enquanto aliados que se elegeram usando o seu nome, como o vice Hamilton Mourão ou o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, ganharam uma nova estatura política e abandonam as trincheiras do seu imperador. Depois de sucumbir ao seu Waterloo, Bolsonaro ruma para o autoexílio e teme a prisão — sua grande obsessão, segundo pessoas próximas.

Os devaneios ficaram claros na única manifestação de Bolsonaro à sua horda, marcada por um tom enigmático. No último dia 12, o presidente repetiu que é a população quem decide "para onde vão as Forças Armadas". "Eu me responsabilizo pelos meus erros, mas peço a vocês: não critiquem sem ter certeza absoluta do que está acontecendo", disse. Aeronáutica, Exército e Marinha, contudo, não vão a lugar algum. Aliás, até mesmo o movimento de antecipação da troca de comandantes, que poderia criar certa instabilidade com o governo Lula, está descartado. Na última terça-feira, novamente se colocou calado diante de apoiadores no Alvorada. A primeira-dama, Michelle, ajoelhou-se para uma oração e a multidão respeitou um minuto de silêncio.

Na prática, Bolsonaro já renunciou. Diante disso, lideranças partidárias e o clã presidencial tomaram a frente das articulações para manter vivo o bolsonarismo. Walter Braga Netto participa das reuniões em que o PL discute a mudança de seu estatuto para posicioná-lo "mais à extrema-direita" a fim de afagar o capitão. Michelle Bolsonaro foi quem prestigiou os parlamentares aliados no Distrito Federal na cerimônia de diplomação conduzida pelo TRE — ela posou para fotos ao lado da ex-ministra Damares Alves, de quem é amiga pessoal, e de Bia Kicis, uma das estrelas da ultradireita na capital. A Valdemar Costa Neto, coube a missão de sair

DE SAÍDA Caminhão recolhe objetos do presidente Jair Bolsonaro no Palácio do Planalto, na sexta-feira, 16

Bolsonaro parece crer em uma reviravolta milagrosa. Pessoas próximas tentar cortar as ilusões e temem um gesto destemperado

em defesa dos extremistas que viraram alvos de mais de 100 mandados de busca e apreensão e prisão, expedidos por Alexandre de Moraes, em razão da participação e financiamento de atos antidemocráticos. Em um vídeo divulgado nas redes, o presidente do PL afirmou que os manifestantes acampados em protesto ao resultado das eleições são "pessoas de bem" e "gente de respeito", três dias depois de radicais promoveram arruaças e incendiaram veículos nas ruas de Brasília.

ALIADOS IRRITADOS

A paralisia de Bolsonaro tem irritado profundamente parlamentares que, em um passado recente, fizeram coro aos ataques dele ao STF e ao Congresso e, por consequência, entraram nos inquéritos das fake news e das milícias digitais. A insatisfação tornou-se pública pelas palavras de Otoni de Paula, um dos vice-líderes do governo na Câmara, que criticou: "O silêncio do presidente chega a beirar uma covardia". E emendou: "Serei chamado de traidor pelos que acham que Bolsonaro vai agir, e eu, olhando na sua câmera, digo: não vai. Não se iludam. Saiam das portas dos quartéis, vocês serão presos e não haverá ninguém que os defenda".

Alheio aos chamados, Bolsonaro fechou-se até mesmo para antigos habitués do Alvorada. A decepção de Otoni de Paula é compartilhada por Alberto Fraga, deputado federal eleito e amigo de Bolsonaro há 40 anos. Os dois não conversam há cerca de 20 dias. "Ele não dá grandes explicações. Ninguém sabe o que se passa pela sua cabeça. O que os mais próximos imaginam é que tem uma razão para o silêncio. Mas isso nos deixa angustiados. As pessoas que estão na rua fazendo as manifestações esperavam que ele falasse alguma coisa", comenta. "Entendo que Bolsonaro nunca havia experimentado uma derrota política. Ficou abalado. Essa é a verdade. Mas política é assim. Eleição se perde e se ganha", pontua. "E há uma frase que diz: o campeão se mostra na derrota."

Silas Malafaia, que fez campanha ao lado do presidente, falou com ele pela última vez em 1º de novembro. Na ocasião, Bolsonaro ligou e perguntou qual postura o pastor considerava adequada diante do bloqueio de rodovias por seus apoiadores. Malafaia foi sucinto. Aconselhou o capitão a sugerir aos eleitores a desobstrução das vias, para não prejudicar a economia, mas frisou que a manifestação era um direito constitucional, em uma deixa para mantê-los mobilizados. E Bolsonaro assim o fez, em um pronunciamento de 2 minutos, mais de 44 horas após a oficialização do resultado das urnas. Desde então, não retornou mais os telefonemas do aliado. Embora discorde do silêncio do presidente, Malafaia contemporiza. Argumenta que, ressalvado o antagonismo ideológico, o bolsonarismo assemelha-se ao peronismo argentino em termos de força e capilaridade e, portanto, não acabará devido a uma reclusão momentânea. "O presidente não vai perder cacife. A política é dinâmica. Acho que ele deveria se posicionar, mas é um direito ficar quieto, por ora".

No PL, já há quem defenda que, caso o presidente opte pelo ostracismo, perca a boquinha que lhe foi garantida no partido. Parte da legenda não concorda com a garantia de mansão, escritório e staff para um homem que não colocará o rosto em público e ainda exige o veto à presença de correligionários no governo eleito. A conta, dizem, não fecha. Ou Bolsonaro lambe as feridas e se põe de pé, ou se tornará descartável. O fim do capitão parece cada vez mais melancólico. ■

FOTOS: PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; IGO ESTRELA/METRÓPOLES

RITMO DE FESTA Lula e Janja saudando seguidores: mulher do presidente eleito é responsável pelo roteiro da cerimônia de posse

TROCA DE PODER SOB TENSÃO

A cerimônia de posse do presidente eleito pretende transformar Brasília em um grande festival de música. Resta saber se as frequentes ameaças de grupos golpistas têm fôlego para colocar a festa em risco

Taísa Szabatura

Desde a redemocratização do Brasil, a troca de poder, pelo menos por parte dos governantes eleitos, tem acontecido de forma pacífica na capital federal. O primeiro dia do próximo ano, porém, poderá ser um ponto fora da curva na história recente do País. Além de marcar oficialmente o fim do governo Bolsonaro, a posse de Lula também marca o ineditismo de, pela primeira vez, um presidente assumir o Planalto pela terceira vez. Bolsonaro, por sua vez, também possui um feito inédito:

é o primeiro a não ser reeleito desde 1985. Por não reconhecer a própria derrota, o atual mandatário tem insuflado sua base de apoiadores com silêncios e lágrimas estratégicas, na esperança de que com isso alguma ala militar interceda em seu favor – algo que não deve acontecer na escala necessária para o fomento de um golpe de Estado. Isso, no entanto, não significa que Bolsonaro não vá ensaiar algum ato final, começando pela sua provável ausência na hora de passar a faixa presidencial ao seu sucessor.

O rito que prevê discurso, juramento à Constituição, cumprimentos, descida da rampa e uma salva de canhão será diferente em 2023. A posse, tanto de Lula, do PT, como de seu vice Geraldo Alckmin, do PSB, terá o toque da futura primeira-dama, a socióloga Rosângela Silva, a Janja, que organizou o "Festival do Futuro". O evento musical chega a lembrar o porte de um festival como o Rock in Rio, que atrai cerca de 100 mil pessoas em seu palco principal, anuncia 42 atrações confirmadas, entre elas Fernanda Takai, Zélia Duncan, Gaby Amarantos, Maria Rita, Martinho da Vila, Odair José e Pabllo Vittar. À frente da organização, Janja confirmou a expectativa de que 350 mil pessoas de todas as partes do Brasil participem das festividades.

O evento vem sendo planejado para garantir que não ocorram incidentes, mas há temor nos bastidores. A própria socióloga, ao revelar que o tradicional veículo usado no evento – o Rolls-Royce presente da rainha Elizabeth – estaria danificado, impedindo o desfile de Lula em carro aberto, pode ter dado o sinal de que essa parte do ritual deve ser deixada para trás, principalmente por questões de segurança. Além de membros dos Três Poderes, também são esperados ao menos 19 chefes de Estado e de governo de todo o mundo. Um número já bastante superior de presidentes e primeiros-ministros confirmados em relação à cerimônia de Jair Bolsonaro em 2019, que teve a presença de 10 chefes de Estado. Segundo membros do Ministério das Relações Exteriores ouvidos pela reportagem, o cerimonial está sendo estruturado com máxima segurança e todas as delegações terão escolta policial reforçada.

Apesar de não revelar detalhes da operação, a segurança do Supremo Tribunal Federal (STF), um dos principais alvos dos golpistas, será reforçada com efetivo igual ou superior ao empregado nas festividades de Sete de Setembro. Ou seja, bloqueio do acesso à Corte, fiscalização do espaço aéreo e imensa participação humana. O secretário de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP-DF), Júlio Danilo, afirma que o planejamento definitivo do evento ainda não está fechado. "Existe um monitoramento constante, inclusive de redes sociais, feito pelos órgãos de inteligência da segurança pública do Distrito Federal, com apoio dos órgãos federais, que visa antecipar possíveis atos e manifestações no dia da posse", disse à ISTOÉ. Ele afirma que, apesar de esperar o melhor, está preparado para todos os cenários. "Tenho plena confiança nos profissionais de segurança pública do DF, que estarão atuando em sua capacidade máxima, e que vêm demonstrando alta aptidão técnica em eventos dessa natureza."

FOCO NAS CARAVANAS

Embora os atos de vandalismo de um grupo bolsonarista que provocaram terror na capital federal após a diplomação de Lula e Alckmin inspirarem receio, a aposta é a de que esse cenário não se repita, já que o esquema de segurança deverá abranger toda a região da Esplanada e o setor de hotéis. Haverá ainda diversos postos da Polícia Rodoviária Federal (PRF) espalhados pelas estradas que dão acesso à capital, não só para controle, mas também para facilitar as centenas de caravanas que devem chegar à cidade para acompanhar a cerimônia. Segundo Fabrício Rosa, policial rodoviário fundador da organização Policiais Antifascismo e membro de um dos grupos de trabalho da Transição de governo, há mais de 800 caravanas de todo o Brasil cadastradas para assistir à cerimônia de posse. Isso sem contar as pessoas e grupos que irão por iniciativa própria. "Bolsonaristas são covardes e só agem quando têm a certeza de impunidade, o que não será o caso", diz. Na avaliação geral de apoiadores de Lula, o próprio tamanho da festa será o suficiente para desmobilizar os grupos ainda inconformados com a derrota de Bolsonaro. ■

"LULAPALOOZA" Montagem do palco em Brasília: shows começam ao meio-dia, seguidos da solenidade no Planalto às 17h

FOTOS: WILTON JUNIOR/ESTADÃO

A PRIMEIRA VITÓRIA DE LULA

Com a extinção do Orçamento Secreto e aprovação da PEC da Transição, Lula sai em vantagem sobre Arthur Lira, mas não pretende queimar pontes com presidente da Câmara

Ana Viriato

Lula externou a aliados durante toda a transição que o êxito do governo poderia esbarrar em Arthur Lira, caso o deputado continuasse a atuar, na prática, na posição de primeiro-ministro. A ponderação não era inédita. Durante a campanha, o petista criticou o poder de barganha do congressista, garantido pelas emendas de relator, e chegou a classificar o Orçamento Secreto como a maior excrescência política do País. Apesar do incômodo e do discurso político, a reversão do mecanismo pelo governo eleito era descartada logo na largada — seria como, nas palavras de aliados do futuro presidente, mexer em um vespeiro. Lula não precisou se arriscar. A primeira vitória política do petista consolidou-se pelas mãos de um nome indicado por ele ainda em 2006 ao Supremo Tribunal Federal: ministro Ricardo Lewandowski.

Fiel da balança, Lewandowski pegou Brasília de surpresa ao acompanhar a relatora do processo, Rosa Weber, e fechar maioria na corte pela derrubada do Orçamento Secreto, que consumiria R$ 19,4 bilhões dos cofres da União em 2023. Embora satisfeitos, mesmo grãos-petistas demonstraram espanto com a decisão alguns minutos depois do julgamento. "Ele havia dito em uma entrevista na sexta-feira, depois de o Congresso institucionalizar as emendas de relator, com novas regras de distribuição, que as alterações resolviam preocupações do STF e seriam consideradas. Todos acreditavam que estava resolvido em uma costura pró-Lira e Pacheco", pontuou um deputado, sob reserva.

Não há quem se arrisque a dizer às claras se Lewandowski e Lula articularam o voto. Lira, porém, pensa que sim, em alinhamento com a avaliação de aliados do presidente eleito. Leva-se em consideração a teia de acontecimentos do final de semana. Na manhã de domingo, Lira visitou o presidente eleito no Hotel Meliá, no centro de Brasília,

VITÓRIA Suposta união de Lewandowski com Lula acabou com o orçamento secreto: R$ 19,4 bilhões serão divididos entre o presidente e deputados

FOTOS: MATEUS BONOMI/ANADOLU AGENCY VIA AFP; WALLACE MARTINS/FUTURA PRESS/FOLHAPRESS

para discutir os meandros da PEC da Transição. O tom da conversa não foi nada ameno. Lira foi Lira e colocou à mesa as exigências do Centrão para se alinhar ao governo, com uma lista de cargos cobiçados à mesa, os quais concentram-se, sobretudo, na Saúde, um dos currais eleitorais do Progressistas em gestões anteriores. Não mencionou as emendas de relator — acreditava que o assunto estava resolvido.

Lula não gostou nada do que ouviu. Mais tarde, durante a noite, Gilmar Mendes expediu uma liminar em que autorizou o governo a retirar o Bolsa Família da conta do teto de gastos em 2023 e apontou até mesmo uma fonte de custeio para financiar a alocação. Com isso, tirou parte do poder de barganha de Lira — o programa social, prioridade do PT, afinal, estava garantido por uma medida judicial. O xeque-mate veio no dia seguinte, uma segunda-feira, quando Lewandowski votou pela inconstitucionalidade do Orçamento Secreto e tirou das mãos do presidente da Casa uma moeda que ele planejava usar para se fortalecer na corrida pela reeleição. As reclamações de Lira à jogada ensaiada chegaram aos ouvidos de Lula por emissários, como José Guimarães, futuro líder do governo na Câmara, e Alexandre Padilha, escolhido para comandar as Relações Institucionais.

DERROTA Arthur Lira achou que poderia ser "primeiro-ministro", mas a decisão do STF o deixou enfraquecido

LULA DESAFIARÁ LIRA?

Aliados de Lula pontuam que o golpe duplo não pôs Lira de joelhos. Demonstrou, porém, que o deputado "não estava mais negociando com um inábil político", como Jair Bolsonaro. "Mesmo depois do julgamento, a PEC permaneceu mais vantajosa. O texto construído no Congresso não excepcionaliza somente o Bolsa Família. Ele livra da âncora mais de R$ 23 bilhões em investimentos e doações para o Fundo Amazônia, por exemplo", comenta o deputado petista Ênio Verri. Não à toa, o PT manteve a costura e conseguiu emplacar na Câmara a proposta de Emenda à Constituição, fazendo concessões. Aceitou reduzir o prazo de validade da matéria de dois para um ano e dividiu igualmente a bolada do Orçamento Secreto com o parlamento: R$ 9,7 bilhões foram transformados em emendas individuais e R$ 9,7 bilhões ficaram nas mãos do Executivo, sob a coordenação do ministro da Casa Civil, Rui Costa.

Com o Bolsa Família resolvido, expoentes da ala "mais radical" do PT fizeram circular a informação de que a bancada cogitaria o apoio a um candidato alternativo na corrida pela Presidência da Câmara, como Luciano Bivar (União Brasil-PE). Aliados do círculo mais próximo de Lula, no entanto, abafaram a boataria. Sob reserva, apontam que Lula não quer comprar um Arlindo Chinaglia 2.0, em referência ao deputado petista bancado por Dilma Rousseff que, em 2015, perdeu a disputa para Eduardo Cunha e despertou no emedebista a inimizade pela então presidente. Ou seja, não valeria a pena dar um salto no escuro, com a chance de afundar o governo logo na largada. Frisam ser bom, porém, que Lira sinta que o jogo não está tão ganho quanto imaginava. ■

ISTOÉ

2022

OS BRASILEIROS DO ANO

O ano de 2022 foi daqueles que parecia não ter fim. Marcado pela eleição presidencial mais acirrada desde a redemocratização, teve ameaças de golpe às instituições que partiram exatamente de quem deveria defender o Estado de Direito, mas que passou o tempo todo investindo contra a ordem constitucional. Ao final, as forças obscuras do retrocesso foram vencidas. E isso ocorreu principalmente graças ao denodo de personalidades cientes de sua responsabilidade histórica, como o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Alexandre de Moraes. Graças à sua determinação, chegou-se ao final do processo eleitoral com resultados inquestionáveis. Por sua luta incansável em defesa da democracia, os editores de ISTOÉ escolheram o presidente do TSE como O Brasileiro do Ano de 2022. Nesse período conturbado, por outro lado, o País ganhou a oportunidade de mudar seu destino com a eleição de um presidente da República que tem a tarefa de reconstruir a Nação e pacificar a sociedade. Em função de seu triunfo impressionante nas urnas para cumprir essa missão, ISTOÉ elegeu Luiz Inácio Lula da Silva como O Brasileiro do Ano na Política. Outras personalidades realizaram ainda feitos inequívocos em diversas áreas vitais. Para homenageá-los, os editores de ISTOÉ escolheram as seguintes personalidades que mais se destacaram durante o ano: Milton Nascimento (Cultura), Neca Setubal (Educação), Jean Gorenstein (Saúde), Ludmilla (Música), Isabel Teixeira (atriz de TV), Rayssa Leal (Esportes), Padre Julio Lancelotti (Desenvolvimento Social) e Bruno Pereira e Dom Phillips (In Memorian, no Meio Ambiente). A ISTOÉ apresenta nas próximas páginas todas as realizações desses personagens. Não deixe de ler.

BRASILEIRO DO ANO

MINISTRO ALEXANDRE DE MORAES

O ministro Alexandre de Moraes, 54 anos, é um dos talentos mais precoces do meio jurídico e um dos maiores especialistas em Direito Constitucional do País. Mal formou-se na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, onde tornou-se doutor em Direito de Estado e hoje é um dos professores mais brilhantes da instituição, Alexandre prestou concurso para uma vaga no Ministério Público de São Paulo aos 22 anos, passando em primeiro lugar. Foi promotor de Justiça de 1991 a 2002, quando pediu exoneração para assumir, em 2004, o cargo de secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo, durante a gestão do governador Geraldo Alckmin (nessa altura, aos 33 anos, foi o secretário de Justiça mais jovem do País), função que exerceu até 2005. Nesse período, acumulou também a presidência da Febem, hoje denominada Fundação Casa, que cuida de menores infratores. Como demonstração de que se relaciona com integrantes de todos os governos, independentemente de suas ideologias, Alexandre foi nomeado por Lula para o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), onde atuou de 2005 a 2007. De 2007 a 2010, o ministro foi nomeado pelo então prefeito Gilberto Kassab, presidente do PSD, como secretário municipal de Transportes. De 2010 a 2014, trabalhou num escritório de advocacia, mas a atividade na iniciativa privada durou pouco. Em 2014, foi nomeado pelo governador Alckmin como secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo. Ele precisou deixar o cargo na segurança paulista para atender ao chamado do presidente Michel Temer que, em maio de 2016, o nomeou ministro da Justiça. Um ano depois, em março de 2017, foi indicado para o Supremo Tribunal Federal para ocupar a vaga do ministro Teori Zavascki, morto em um acidente aéreo. Desde agosto de 2022, ele é o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), cargo que acumula com o de ministro do Supremo Tribunal Federal (STF). Um currículo invejável para uma carreira pública corajosa, onde enfrenta com destemor verdadeiros grupos criminosos que tramam contra a democracia brasileira.

O fiador da democracia

O Brasil viveu, este ano, a sua eleição presidencial mais acirrada da história, e muitos suspeitavam que o processo eleitoral poderia ser interrompido por uma crise institucional que nos levasse a um retrocesso político sem precedentes. Temendo não ser reeleito, como de fato não foi, Bolsonaro fez de tudo para desacreditar as urnas, desqualificar os ministros do tribunal eleitoral e provocar um clima de ódio que se espalhou pelo País durante toda a campanha. Esses movimentos antidemocráticos promovidos pelo bolsonarismo só não inviabilizaram as eleições graças à incansável luta de Alexandre de Moraes, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que foi implacável contra as ameaças ao regime democrático. Ele foi o fiador da democracia, garantindo um pleito limpo e transparente. Por essas e outras razões, o ministro foi eleito pelos editores da ISTOÉ O Brasileiro do Ano em 2022, repetindo a premiação concedida a ele no ano passado como Brasileiro do Ano de 2021, por ter sido o "guardião da Constituição". Ele é bicampeão, portanto. Naquele ano, como agora, o magistrado impediu que os aliados do capitão consumassem um alardeado golpe contra o Estado de Direito. Perderam.

GERMANO OLIVEIRA

Ao ser informado sobre a homenagem, Moraes disse que recebia a premiação "em nome de toda a Justiça Eleitoral que soube, de maneira corajosa, firme, serena e imparcial, conduzir as eleições de 2022 até a diplomação no último dia 12 de dezembro". Para o ministro, a diplomação de Lula e de Alckmin foi um atestado da vitória plena e incontestável da democracia e do Estado de Direito "contra os ataques antidemocráticos, a desinformação e o discurso de ódio proferidos por diversos grupos organizados que, já identificados, serão integralmente responsabilizados", afirmou o magistrado na cerimônia no TSE.

Aliás, a expectativa de punições aos que ameaçaram a democracia durante o processo eleitoral deste ano é cada vez mais concreta e iminente. Em um seminário realizado no STF na quarta-feira, 14, o ministro Dias Toffoli comparou os atos contra a democracia no Brasil e nos Estados Unidos, lembrando que na invasão ao Capitólio em Washington, a Justiça americana prendeu 964 pessoas, um número infinitamente maior do que no Brasil, que registrou inúmeros atos

> "HÁ INDÍCIOS DE QUE GRUPOS EXTREMISTAS ALMEJAM DESACREDITAR A DEMOCRACIA PARA IMPLANTAR UM REGIME DE EXCEÇÃO"

FOTO: JOÉDSON ALVES

antidemocráticos e disseminação de notícias falsas, mas com um volume de prisões bem menor. Também presente ao evento, Moraes disse ter ficado "feliz" com a análise de Toffoli. "Ainda tem muita gente para prender e muita multa para aplicar", assegurou o presidente do TSE. Não por acaso, na quinta-feira, 15, Moraes determinou que a PF cumprisse 108 mandados de busca e apreensão contra suspeitos de financiar protestos antidemocráticos após o resultado das eleições.

Apesar das sanções que ainda deve aplicar aos que desafiaram o regime democrático durante o pleito e que até agora ainda resistem em aceitar o resultado das urnas, realizando manifestações em rodovias e em portas de quartéis, Alexandre de Moraes destacou a importância das instituições brasileiras na condução das eleições. "O Poder Judiciário demonstrou sua absoluta independência para conduzir o pleito eleitoral dentro das regras constitucionais e legais", destacou o ministro à ISTOÉ. Os baderneiros que incendiaram cinco ônibus e três carros na noite da segunda-feira, 12, em Brasília, para protestar contra a diplomação de Lula, também serão investigados pelo inquérito do STF que procura identificar os responsáveis por atos contra a democracia. Moraes não descarta punições exemplares para que os arruaceiros concentrados no Distrito Federal não se sintam estimulados a realizar novas manifestações ilegais durante a posse do novo presidente, no dia 1º de janeiro.

Para demonstrar que o processo eleitoral jamais esteve ameaçado, em que pese a ocorrência dos atos contra a democracia patrocinados por bolsonaristas, o ministro citou o caso da prisão de Roberto Jefferson, a uma semana da eleição, como exemplo de que o Brasil esteve longe de um rompimento institucional. "Aquele episódio mostrou um réu, já com denúncia oferecida pela Procuradoria-Geral da República e recebida pelo STF, desrespeitando a lei e praticando crimes gravíssimos, como as 4 tentativas de homicídios qualificados, pelos quais, inclusive, já está denunciado pelo Ministério Público. Demonstrou, ainda, que a Polícia Federal, com apoio da Policia Militar do Rio de Janeiro, soube tratar o episódio como mais um ataque criminoso às forças policiais, prendendo o autor dos crimes e demonstrando que ninguém está acima da lei", sustentou o ministro.

"AS INVESTIGAÇÕES REALIZADAS NOS INQUÉRITOS SOB MINHA RELATORIA NO STF IDENTIFICARAM INÚMEROS GRUPOS QUE VÊM FINANCIANDO OS ATOS ANTIDEMOCRÁTICOS. TODOS SERÃO RESPONSABILIZADOS CIVIL E CRIMINALMENTE"

Outra preocupação da Justiça Eleitoral durante a eleição polarizada foi com o uso indiscriminado de fake news. Para o ministro, a utilização em massa das redes sociais de forma criminosa é "fruto de um pensamento antidemocrático e extremista, e foi subvertida para disseminar a desinformação, o discurso de ódio, as notícias fraudulentas e as fake news". O ministro explicou que a utilização das redes sociais como instrumento democrático de acesso à livre manifestação de pensamento foi desvirtuada por extremistas, no intuito de desacreditar as notícias veiculadas pela mídia tradicional.

Por isso, Moraes entende que as empresas de mídia precisam ter a mesma responsabilidade legal do que os veículos de comunicação tradicionais. "Não tenho dúvidas de que, em proteção à liberdade de expressão, à honra, à privacidade e à dignidade da pessoa humana, as plataformas e redes sociais precisam ter o mesmo tratamento jurídico das demais empresas de mídia, nem mais, nem menos." Moraes defende mudanças na le-

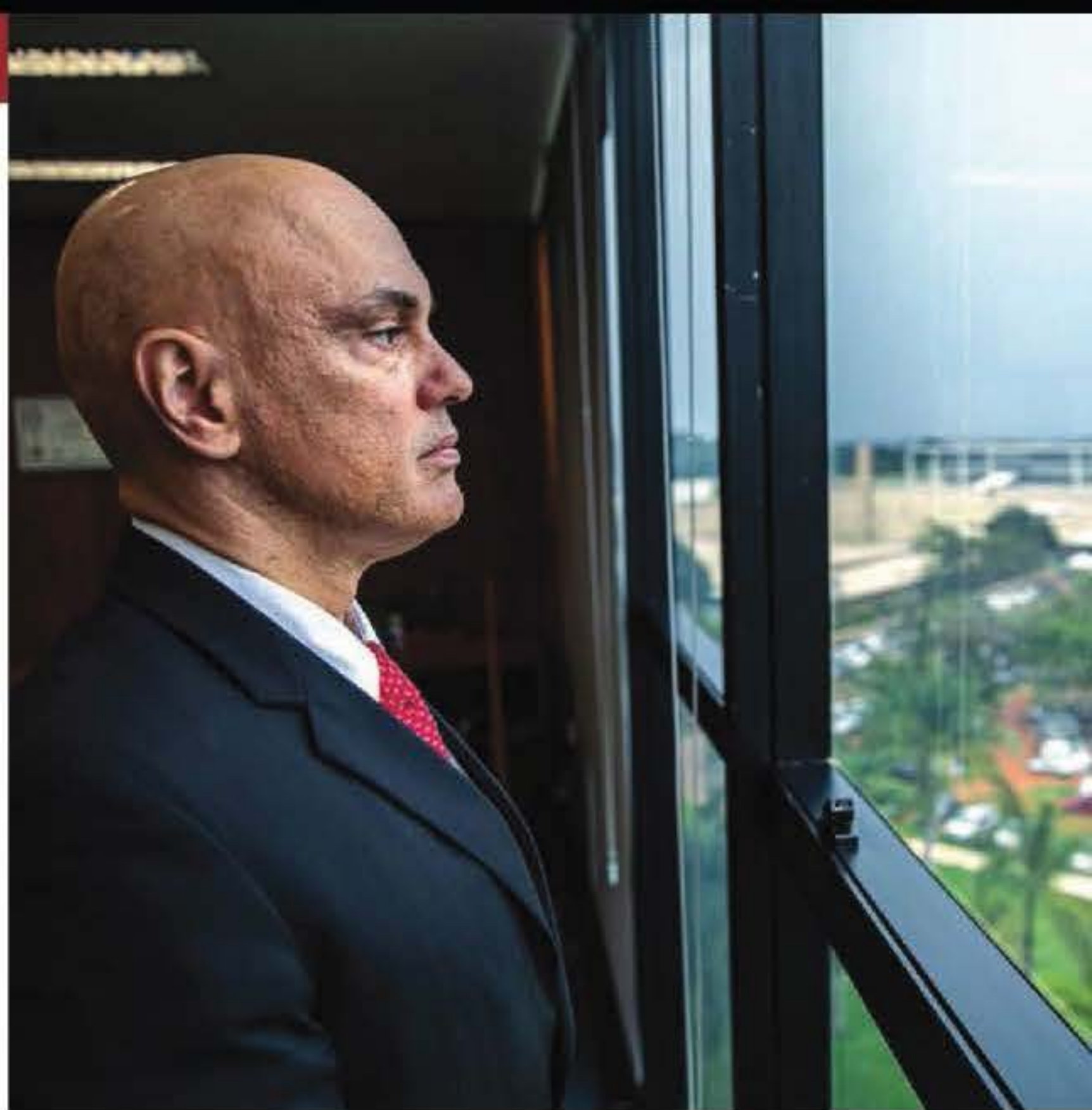



FOTO: JOÉDSON ALVES

> “A Constituição consagra o binômio Liberdade e Responsabilidade. E isso precisa valer também para o mundo virtual, sob pena de impunidade das covardes milícias digitais”

gislação. “A Constituição consagra o binômio Liberdade e Responsabilidade, e isso precisa valer também para o mundo virtual, sob pena de impunidade das covardes milícias digitais.” As plataformas e redes sociais devem passar, segundo o ministro, a ser tratadas juridicamente como empresas de mídia. Em relação aos usuários que as utilizam para a prática de crimes, a legislação deve ser aperfeiçoada com a introdução de crimes específicos e adequados à essa nova realidade. O TSE irá instituir uma comissão, com ampla participação da sociedade, para apresentar propostas ao Congresso.

O presidente do TSE entende que as acusações de Bolsonaro e seus seguidores contra a segurança das urnas eletrônicas, sem a apresentação de qualquer prova nesse sentido, levará os detratores a punições penais. “Aqueles que, criminosamente, atuaram dessa forma, fazendo acusações sem provas, cometeram mais do que um desserviço ao País, pois ao atentar contra a democracia e o Estado de Direito estão praticando ilícitos penais. O ataque ao sistema eleitoral, enquanto instrumento essencial na concretização da democracia, vem sendo realizado de maneira mais intensa há pelo menos uma década por grupos extremistas e antidemocráticos”, advertiu. Moraes vê indícios de que esses grupos almejam desacreditar a democracia para implantar um regime de exceção. “Não importa qual seja o mecanismo do sistema eleitoral – urnas eletrônicas, voto impresso, voto por carta –, esses grupos extremistas, criminosos e antidemocráticos pretendem, a partir da ‘desinformação’, desacreditar a própria democracia, com ataques aos instrumentos que concretizam o voto popular, substituindo-a por um regime de exceção, por uma ditadura.” Para o ministro, há, portanto, necessidade de uma forte atuação do Poder Judiciário no sentido de preservar a democracia e responsabilizar todos aqueles que praticaram esses crimes.

O ministro mostra-se preocupado também com a insistência de grupos bolsonaristas em permanecerem bloqueando estradas e ocupando a porta de quartéis para pedir intervenção militar como forma de impedir a posse de Lula, mas ele não acredita que as autoridades policiais estejam sendo coniventes com esses movimentos antidemocráticos. “A Justiça Eleitoral tem grande confiança nas forças policiais, em especial na Polícia Federal, nas Policias Militares e nas Polícias Civis que atuam e auxiliam o TSE de forma importantíssima nos pleitos eleitorais. Este ano, inclusive, de maneira pioneira, o TSE instituiu Núcleos de Inteligência com as Policias Militares e Civis para garantir maior segurança e tranquilidade nas eleições. Saliento, ainda, que, após as eleições, contei com a atuação forte das forças de segurança para pôr fim a bloqueios ilegais nas estradas que estavam prejudicando toda a sociedade brasileira”, disse.

As lideranças desses grupos, contudo, deverão ser incluídas nos inquéritos do STF comandados pelo ministro que apuram os atos antidemocráticos. “As investigações realizadas nos inquéritos sob minha relatoria no Supremo Tribunal Federal contam, além da importante participação da Procuradoria-Geral da República e da Polícia Federal, com o auxílio de diversos Ministérios Públicos estaduais que, a partir de investigações conjuntas com as policias estaduais, identificaram inúmeros grupos econômicos e pessoas físicas que vêm coordenando e financiando os atos antidemocráticos. Todos serão responsabilizados civil e criminalmente”, prometeu.

Moraes espera, no entanto, que com a posse do novo governo esse clima de beligerância política e guerra ideológica finalmente acabe e o País possa ser pacificado. “Essa deve ser a finalidade maior de todos os Poderes, instituições e da própria sociedade. Recentemente, em discurso na diplomação do presidente e do vice-presidente eleitos, salientei que a atividade política deve ser realizada sem ódio, sem discriminação e sem violência.” A consequência do ódio e da violência, para o magistrado, é o “vazio e a mágoa”, como alertou Martin Luther King em seu famoso discurso *O nascimento de uma nova Nação*, proferido em abril de 1957. “A democracia se constrói, se solidifica, prospera e fortalece uma Nação quando a discussão de ideias é mais importante que a imposição obtusa de obsessões, quando as ofensas e discriminações cedem lugar ao diálogo e temperança, quando o ódio perde seu lugar no coração das pessoas para a esperança, respeito e união”, filosofou o Brasileiro do Ano de 2022. ■

NA POLÍTICA

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Luiz Inácio Lula da Silva retorna ao poder aos 77 anos, escrevendo o futuro da esquerda brasileira. A história foi ele quem ajudou a construir. Nascido em Garanhuns (PE), em 1945, o ex-operário emergiu no meio político a partir das greves gerais no ABC Paulista e do seu engajamento nas Diretas Já. Fundou o PT e, como deputado constituinte, ajudou na retomada da democracia no País. Antes de vestir a faixa presidencial, perdeu três eleições para Fernando Collor e FHC. Quando ascendeu ao poder, construiu um legado reconhecido de combate à miséria e ateve-se às contas públicas. À época, nem mesmo o Mensalão foi capaz de derrubá-lo, e Lula deixou o governo em 2011 como o presidente mais popular da história, com cacife suficiente para emplacar a sucessora, Dilma Rousseff. Anos depois, porém, entrou na mira da Lava Jato e foi condenado nos casos do tríplex do Guarujá e do sítio de Atibaia. Passou 580 dias na cadeia, até o STF anular as sentenças. De volta ao Planalto, tem o desafio de "não ser um Michael Schumacher", o campeão de F1 que, após um período de afastamento, não repetiu a mesma performance ao retornar às pistas.

Uma nova chance

Com a missão de reconstruir o País, Lula volta ao poder 12 anos após ter deixado o Planalto. Único político a ser eleito presidente por três vezes, petista mantém obsessão pelo combate à miséria e promete tirar o Brasil do mapa da fome em quatro anos

ANA VIRIATO

"Não aborte os seus ideais no ventre da covardia. Vá à luta empunhando a verdade, que a liberdade não é utopia." Os versos da canção *Massa Falida*, da dupla Duduca e Dalvan, cantados pela militância na porta da sede da Polícia Federal em Curitiba, em 8 de novembro de 2019, parecem ter servido como roteiro para a reabilitação política de Lula. Naquela tarde, ao deixar a prisão, o petista aventou o plano de percorrer o País para discutir uma alternativa eleitoral a Jair Bolsonaro — talvez nem mesmo ele soubesse, porém, o quão inusitado seria o caminho. Dezessete meses depois, Lula teve todas as condenações na Lava Jato anuladas e, elegível mais uma vez, soube se portar pela salvaguarda da democracia em uma corrida presidencial que representou, na verdade, um plebiscito sobre a Constituição de 1988, devido ao latente recrudescimento dos ataques do capitão às instituições. O petista modulou o discurso, deixou rancores para trás e arregimentou ao seu lado, nas trincheiras, até mesmo antigos adversários, a começar por Geraldo Alckmin. Foram 1.087 dias, da saída da cadeia ao triunfo no pleito que, segundo ele próprio, mostrou-se o mais importante de sua vida.

Primeiro presidente eleito pelo voto direto por três vezes, Lula antevê que o desafio está longe do fim. O bolsonarismo incrustou-se em parte da população, como estampam episódios de violência na campanha e as arruaças ao lado de quartéis militares. A pacificação da sociedade, portanto, levará tempo. Mas os núcleos extremistas não amedrontam o petista. "Temos experiência e a maioria da população e do mundo político entende que o País precisa de paz, de diálogo, de trabalho sério, de união acima das diferenças para o bem comum", pontua à ISTOÉ. "Há, hoje, essa novidade de um grupo pequeno de pessoas que, talvez por causa das mentiras que recebe no celular, está muito radicalizado, mas isso vai se reduzindo com o tempo e com o combate às fake news e aos inimigos da democracia", emenda.

O arrefecimento dos ânimos, aliás, passa pela reconstrução do País, que tende a ser conduzida a várias mãos pela frente ampla que se posicionou ao lado do petista na corrida presidencial. A relação azeitada entre Lula e Alckmin, aliás, facilitará o trabalho. "Alckmin é muito qualificado, trabalhador e vai ter muito, mas muito trabalho no governo. Estamos montando um time experiente de ministros para colocarmos o País o mais rápido possível no caminho da inclusão social e do desenvolvimento", comenta o presidente eleito, que deve anunciar a escalação completa da Esplanada na próxima semana, depois de desatar nós na negociação com partidos de centro, como PSD, União Brasil e MDB.

> "TEMOS UM DESAFIO IMENSO, AINDA MAIS PEGANDO O PAÍS PIOR DO QUE QUANDO ASSUMI EM 2003. EU QUERO FAZER UM MANDATO MELHOR QUE OS MEUS DOIS PRIMEIROS"

Obstinado no combate à miséria, Lula frisa que a principal meta é retirar o Brasil mais uma vez do mapa da fome em apenas quatro anos, com o Bolsa Família de carro-chefe. A tarefa será árdua, pois 33 milhões de pessoas vivem em situação de insegurança alimentar grave. "Vamos ter que colocar o pobre no Orçamento, consertar o cadastro único, que o governo atual desorganizou, trabalhar com as prefeituras e estados e dar apoio para a produção de alimentos não só pelos grandes produtores, mas também por quem tem pequenas e médias propriedades", diz o presidente eleito. Indagado sobre os erros de gestões que evitará repetir, Lula desconversa e limita-se a antecipar que buscará se livrar das "burocracias" e "não perder tempo com o que não é importante". "Temos um desafio imenso, ainda mais pegando o País pior do que quando assumi em 2003. Eu quero fazer um mandato melhor que os meus dois primeiros", afirma.

As metas são ambiciosas. Lula tem à frente uma série de obstáculos a uma gestão exitosa, do aspecto fiscal, em razão de um orçamento deficitário, ao de articulação, pela dependência de um Congresso especialista em barganhas políticas. Precisa, ainda, driblar a desconfiança de grande parte da população que ainda nutre em si o antipetismo e teme a repetição dos escândalos de corrupção que assolaram o País nos últimos anos. Se superar os estorvos, se consolidará como o maior presidente do Brasil e ampliará o cacife para emplacar um aliado no Planalto em 2026, visto que já indicou que não concorrerá à reeleição. Ele diz, porém, que, por ora, não pensa na sucessão, como fazem nomes de seu entorno. "O trabalho mais importante agora é montar o governo, reconstruir o Brasil, recuperar os programas sociais e melhorar a vida do povo." Todos torcem para que essas metas se realizem. ■

FOTO: RICARDO STUCKERT

NA EDUCAÇÃO

NECA SETUBAL

Maria Alice Setubal, a Neca Setubal, nasceu em São Paulo. É mestre em Ciência Política pela USP, além de doutora em Psicologia da Educação pela PUC-SP. Foi professora na Universidade Presbiteriana Mackenzie e atuou em instituições como Unicef e Banco Mundial. A socióloga é autora de diversas obras, muitas delas relacionadas à educação. Sua atuação no setor é antiga. Já colaborou com diversos governos e é presidente do conselho consultivo da Fundação Tide Setubal. Nessa ONG, a preocupação é o desenvolvimento das periferias urbanas enfrentando as desigualdades sociais, territoriais, de raça e gênero. "Focamos no território, onde podemos fazer a transversalidade das políticas públicas", explica. Na sua visão, tão importante quanto elaborar políticas públicas, é conseguir implementá-las. "A gente ainda não conseguiu elaborar no Brasil uma política consistente para a juventude que inclua trabalho e cultura", alerta.

Hora da reconstrução

Neca Setubal é uma das grandes defensoras da educação pública. Ela já tinha enfrentado a polarização e não se abalou quando os bolsonaristas a atacaram por defender a eleição de Lula. Agora, diz que o momento é de trazer os estudantes de volta às escolas

MARCOS STRECKER

A socióloga e educadora Neca Setubal representa como poucos os desafios na construção de políticas públicas. Há mais de 30 anos integra o Centec, organização sem fins lucrativos que promove equidade e qualidade na educação pública. Na Fundação Tide Setubal, desde 2006 acompanha o desafio da inclusão e do combate à desigualdade nas periferias urbanas, a partir da experiência da instituição na zona Leste de São Paulo. Nessa trajetória, sua única dificuldade não foi apenas engajar a iniciativa privada. Contribuir na elaboração de programas de governo se mostrou igualmente difícil, pois enfrentou as contingências das disputas políticas. Mas ela sempre conseguiu transpor as barreiras com tranquilidade, como fez ao ser uma das primeiras indicadas ao grupo técnico de educação do governo de transição.

A indicação foi um reconhecimento pela sua experiência na área. A deferência, porém, fez grupos bolsonaristas a atacarem nas redes sociais, inclusive citando seu histórico familiar com o Banco Itaú, do qual é uma das herdeiras. Ela já havia passado por isso antes. Em 2014, quando foi a coordenadora do programa de Marina Silva à Presidência, Neca foi alvo dos próprios petistas. Hoje, considera que o momento é diferente. "Não compactuo com essa agressividade de nenhum lado. Minha história diz muito mais do que isso. Trabalhei muito para que Bolsonaro fosse derrotado, para que a gente pudesse recompor as políticas públicas nas quais acredito e especialmente para defender a democracia", contemporiza.

Nos debates que embasaram o governo de transição, ela ressalta o alarme diante da situação que o País enfrenta. "Tivemos em quatro anos cinco ministros da educação. As pouquíssimas políticas implementadas não foram bem executadas e não levaram em conta o que tinha sido feito anteriormente. Apresentaram resultados baixíssimos. Outras políticas que foram formuladas não têm nada a ver com os principais pontos estratégicos com os quais um ministério deveria estar preocupado", critica. Ela cita, por exemplo, a expansão de escolas militares, as normas em relação à ideologia de gênero e a defesa do "homeschooling". O Inep, por exemplo, foi quase todo desmontado. Quem manteve o funcionamento da autarquia, responsável por exames como o Enem e o Inep, foram os servidores, que tiveram uma atuação heróica, elogia. "A situação é dramática. Além disso, o orçamento foi muito reduzido e as bolsas de estudo foram cortadas. Universidades federais ficaram até sem conseguir pagar a conta de luz. A educação virou terra arrasada. E isso afeta a sociedade como um todo."

> "TRABALHEI MUITO PARA QUE BOLSONARO FOSSE DERROTADO PARA QUE A GENTE PUDESSE RECOMPOR AS POLÍTICAS PÚBLICAS, E ESPECIALMENTE PARA DEFENDER A DEMOCRACIA"

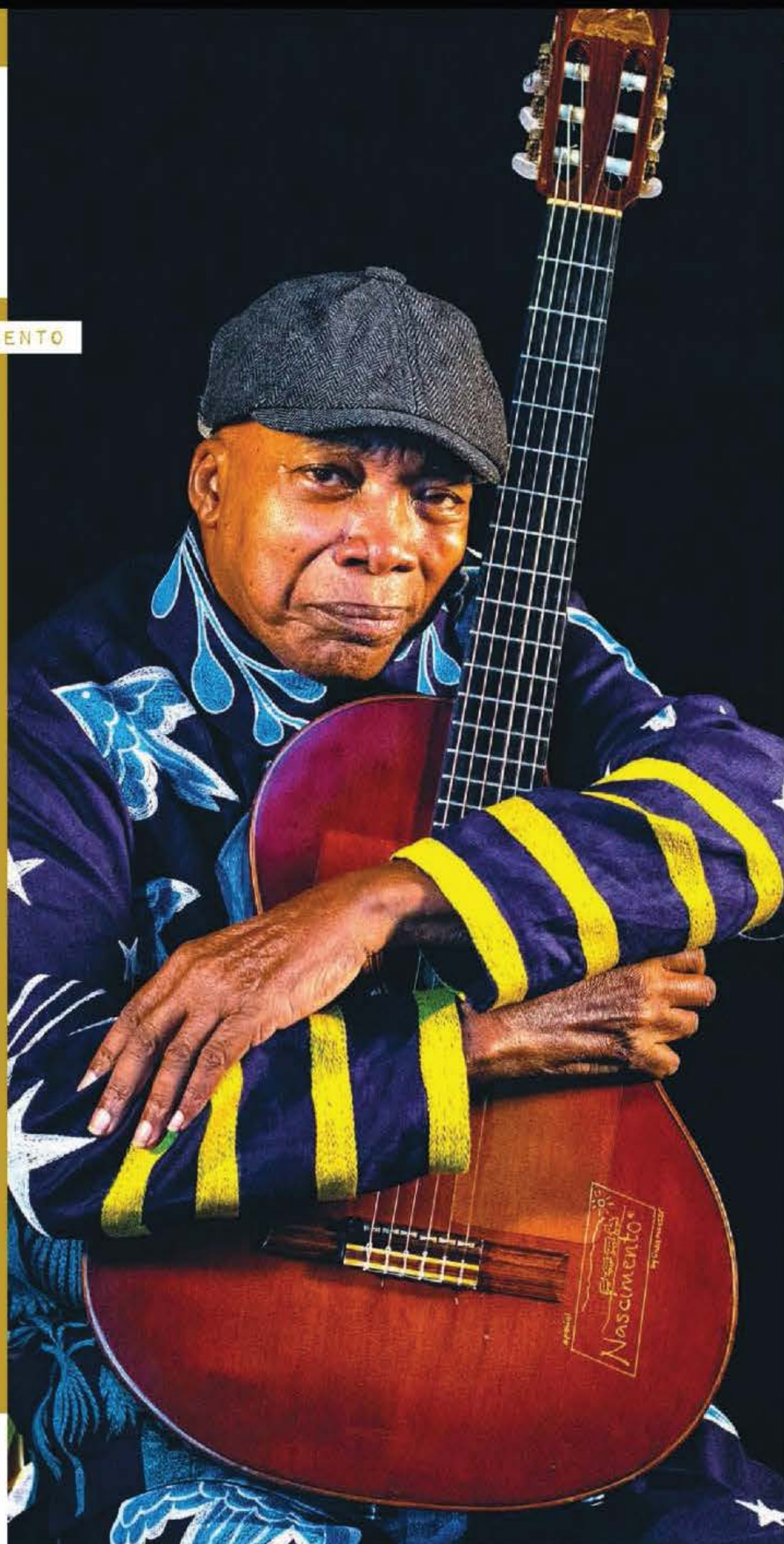
Além desse cenário adverso, Neca destaca os efeitos da pandemia. Ela diz que será necessário retomar a aprendizagem que não aconteceu nesse período, com a busca ativa de estudantes que não voltaram à escola depois do fim das restrições. E tudo isso é uma tarefa que excede a próxima gestão. "Certamente não é um período de quatro anos. Como o buraco está muito fundo, recompor todas as políticas demora. Acredito que em um governo só não será possível."

Agora, o momento é de mais otimismo. "Vejo o governo Lula com muita esperança", diz. "O MEC precisa voltar a ser formulador, tem que puxar para si esse papel, pois deixou há alguns anos de fazer isso." E uma das prioridades, propõe, é a criação de um sistema nacional de educação que se espelhe no bem-sucedido exemplo do Sistema Único de Saúde. Isso seria um grande avanço, aproveitando a experiência do SUS com a gestão compartilhada de verbas entre os diferentes entes federativos. Um trabalho que vise o futuro. Sobre a distinção que acaba de receber da ISTOÉ, diz que se sente feliz. "Fiquei muito honrada com essa homenagem. Acredito na responsabilidade que a gente tem para com o País. Fui educada com esses valores, na defesa de uma sociedade menos desigual e que garanta os direitos para todos." ■

FOTO: GABRIEL REIS

NA CULTURA

MILTON NASCIMENTO

Milton Nascimento é carioca de nascimento, mas mineiro de coração. Nasceu em uma comunidade na Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro. Sua mãe, Maria, morreu de tuberculose quando ele tinha dois anos. Adotado, ganhou o apelido de Bituca (por fazer bico quando contrariado) e foi morar na cidade mineira de Três Pontas. Além de ser amado pelos brasileiros, é um dos artistas nacionais mais reverenciados no exterior. Já gravou com Quincy Jones, Paul Simon e Peter Gabriel, entre outros. Sua primeira canção de sucesso, *Travessia*, de 1967, foi gravada pela cantora de jazz Sarah Vaugh, uma das vozes mais belas de todos os tempos. Milton fundou o Clube da Esquina, grupo que revolucionou a MPB nos anos 1970. Gravou mais de quarenta discos, venceu cinco prêmios Grammy e recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Berklee, nos EUA. Mas o maior reconhecimento veio mesmo do público, apaixonado por seu talento há seis décadas.

A travessia chega ao fim

Aos 80 anos, Milton Nascimento, um dos maiores artistas da história da música brasileira, despediu-se dos palcos após uma extensa turnê que cruzou o Brasil, os EUA e a Europa. O último show foi marcado pela emoção diante de 60 mil pessoas

FELIPE MACHADO

Entre as inúmeras imagens que marcaram o ano na área da cultura, nenhuma foi tão emocionante quanto a de Milton Nascimento no Estádio do Mineirão, em Belo Horizonte, em 13 de novembro de 2022. A noite histórica marcou a conclusão da extensa turnê *A Última Sessão de Música*, que contou com 35 shows no Brasil, EUA e Europa. Com a mobilidade reduzida devido a problemas de saúde, o cantor e compositor se apresentou sentado em um trono - o que acabou se tornando uma metáfora involuntária para a coroação de sua majestade artística. Sereno, magnânimo e vestido como um rei, Milton assistiu emocionado a milhares de pessoas cantarem seus maiores sucessos enquanto levantavam placas com a mensagem "obrigado, Bituca", referência carinhosa ao seu apelido de infância. Milton respondeu com a inigualável voz que encanta o mundo há seis décadas - e também com lágrimas, chorando em diversos momentos.

Em entrevista à ISTOÉ, o artista descreveu a sensação. "Tudo que aconteceu ali, diante do carinho daquelas 60 mil pessoas, superou qualquer sonho. Posso dizer que foi a emoção máxima que já senti em cima do palco. Até agora a ficha ainda não caiu", afirmou. O artista, que dedicou o show à amiga Gal Costa, que morrera poucos dias antes, falou ainda sobre o sentimento que o tomou no camarim após o evento que celebrou a despedida das apresentações ao vivo : "Fiquei muito emocionado com o carinho com que fomos recebidos em todos os lugares. A energia com que cada cidade me acolheu vai ficar marcada para sempre na minha alma. Quando desci do palco, após o acorde final, vi passar um filme de todos esses anos de estrada. Minha vontade era abraçar cada uma daquelas pessoas e agradecer".

Entre os momentos inesquecíveis estava o reencontro com Wagner Tiso, Lô Borges, Toninho Horta e Beto Guedes, trupe que ficou conhecida como o lendário Clube da Esquina. O vocalista e guitarrista do Skank, Samuel Rosa, representou a nova geração. Em um texto publicado no dia seguinte, dirigiu-se aos torcedores dos maiores times de futebol de Minas Gerais: "Que me desculpem o Cruzeiro, Atlético e América, todos os grandes craques e artistas que passaram por aqui, mas ontem o Mineirão teve a noite mais gloriosa de sua história". O deslumbrante repertório da noite incluiu *Canção da América*, *Coração de Estudante*, *Travessia* e *Maria Maria*, entre tantos outros sucessos.

> "FOI SEM DÚVIDA O ANO MAIS EMOCIONANTE DA MINHA VIDA. TUDO AQUILO COM QUE EU SONHEI TEMPOS ATRÁS ACONTECEU. MAS, COMO EU DISSE, ME DESPEÇO DOS PALCOS, DA MÚSICA JAMAIS. MUITAS COISAS AINDA ESTÃO POR VIR"

A homenagem a Milton Nascimento, que foi transmitida ao vivo pelo streaming da Globoplay, marcou um dos períodos mais marcantes de sua carreira e se encerra com chave de ouro, com a escolha de seu nome como "Brasileiro do Ano" na área da cultura - uma decisão unânime da redação de ISTOÉ. "Foi sem dúvida o ano mais emocionante da minha vida. Tudo aquilo com que eu sonhei tempos atrás aconteceu. Mas, como eu disse, me despeço dos palcos, da música jamais. Por isso, muitas coisas ainda estão por vir."

Aos 80 anos, Milton Nascimento não compôs álbum novo nesse ano, mas encontrou energia e tempo para investir em outra novidade: o lançamento de sua própria NFT. Foram colocados à venda 400 arquivos de arte digital criptografada com o desenho da "Serra das Três Pontas", cena das montanhas mineiras feita pelo próprio artista. A imagem estampou a capa do disco *Geraes*, de 1976. A comercialização dos NFTs permitiu que os fãs vivessem uma série de experiências exclusivas, como acesso ao primeiro show da turnê, na Cidade das Artes, no Rio de Janeiro, além de coquetel e brindes. Outra inovação foi a parceria com a fábrica de brinquedos Estrela, que deu origem a um produto personalizado: uma edição especial da linha de trens de brinquedo Ferrorama.

Para o ano que vem, Milton Nascimento guarda uma mensagem positiva. "Espero que 2023 venha como um ano maravilhoso para o Brasil, e que seja repleto de sonhos, amor, juventude e, principalmente, esperança." ■

FOTO: MARCOS HERMES

NA SAÚDE

JEAN GORINCHTEYN

Médico do Instituto de Infectologia de São Paulo – Emílio Ribas e do Hospital Albert Einstein, Jean Gorinchteyn também é professor da disciplina de Doenças Infecto Parasitárias do curso da Universidade de Mogi das Cruzes, onde se formou em 1992. Médico do Trabalho pelo Centro Universitário São Camilo, em 1999, é mestre em Doenças Infecciosas pela Coordenação dos Institutos de Pesquisa do Estado de São Paulo e doutorando em Neurociências pela Unifesp. Desde o ano passado, Gorinchteyn atua como embaixador do Instituto Trata Brasil, que presta apoio a ações pela universalização do saneamento. Aos 54 anos, fala da família como um porto seguro para ajudá-lo em momentos difíceis, que não foram poucos em sua passagem como secretário de Saúde do Estado de São Paulo. Casado com Felícia, tem quatro filhos: Marcelo, 27 anos; Erica, 26; Karina, 24; e Fernanda, 21. Corintiano, ele agrega à família o labrador Luizinho, de 5 anos.

Em busca do novo normal

Secretário da Saúde do Estado de São Paulo encerra gestão com um ano de trabalho voltado à retomada das atividades presenciais e ao combate de sequelas da pandemia no sistema público, regularizando cirurgias eletivas e exames oncológicos em atraso

THALES DE MENEZES

Médico infectologista e clínico geral, Jean Gorinchteyn teve uma mudança radical em seu dia a dia em 2020, quando foi convidado pelo então governador João Doria para assumir a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. Ele substituiu José Henrique Germann Ferreira, afastado por recomendação médica. Cinco dias após tomar posse, a pandemia de Covid-19 atingiu o pico de sua primeira onda. Pressionado pelo avanço da doença, ele iniciou sua gestão que termina agora, na posse governador Tarcísio de Freitas. Fecha assim uma trajetória de muitos resultados positivos.

Seu sucesso também pode ser medido pelo reconhecimento popular nas ruas, que ainda o surpreende. "As pessoas na rua me chamam de Jean. Não é nem 'doutor Jean', é só Jean. A gente recebe esse tipo de descontração como um reconhecimento", diz o médico. O ano de 2021 começou com arrefecimento de casos e mortes por Covid, com o relaxamento do uso de máscaras em espaços abertos, mas esse período animador foi seguido pela segunda onda da pandemia. "Em 15 dias, tínhamos a ocupação total de leitos. Ainda bem que a variante Ômicron foi a segunda onda, que encontrou a população mais vacinada, e as vacinas cumpriram seu papel. Se tivéssemos essa velocidade de contaminação na primeira onda, teríamos visto uma boa parte da população do planeta ser dizimada", avalia.

Nos meses seguintes, a gestão da Secretaria demonstrou acertos importantes para evitar a superlotação de leitos e garantir oxigênio a todos os pacientes paulistas. "A vinda dessa variante obrigou a continuidade do uso da máscara, que só veio a cair no final de março, quando ampliamos a vacinação com doses de reforço e houve a possibilidade da retomada. Isso fez com que as atividades culturais, sociais e de lazer, além das profissionais, pudessem acontecer de forma presencial."

Antes que mostrasse a eficácia de decisões acertadas, ele passou por momentos ruins. Por exemplo, quando antecipou a uma repórter o anúncio de que as crianças não deveriam ir às escolas. "A escola não pode ser fechada, por causa de grupos que precisam de proteção social e recursos alimentares, mas eu disse que os pais que pudessem manter os filhos em casa deveriam fazer isso. Um grupo de mães protestou na porta da minha casa, foi um grande transtorno pessoal."

> "AS PESSOAS NA RUA ME CHAMAM DE JEAN. NÃO É NEM 'DOUTOR JEAN'. É SÓ JEAN. A GENTE RECEBE ESSE TIPO DE DESCONTRAÇÃO COMO UM RECONHECIMENTO"

Neste ano, o trabalho foi voltado a medidas que buscassem um pouco do chamado novo normal. Gorinchteyn acredita que seu sucessor, o médico Eleuses Paiva, assume com resultados muito bons de 2022. Ele explica que, em 2015, o país estava com ótimos índices de vacinação contra várias doenças, com 95% de cobertura. Hoje, são 73% para sarampo e 65% para poliomielite, números ruins. "Precisamos criar propagandas mais robustas e fazer cobranças intensas por parte das escolas. Elas já estão fazendo isso, cobrando as carteirinhas de vacinação, que são obrigatórias, mas não compulsórias. Os pais são convocados para regularizar a vacinação. Se não houver essa regularização, o Conselho Tutelar é acionando."

É também destaque na gestão de Gorinchteyn a velocidade com que foi conseguida a regularização de cirurgias adiadas na pandemia. "Mais de 580 mil pessoas tiveram cirurgias retardadas pelo combate ao Covid. Em um grande mutirão, conseguimos levar quase 80% desse total aos procedimentos necessários. E os outros 20% estão com cirurgias agendadas", relata o secretário. O câncer passou a ser um grande problema. "Muitos deixaram de fazer o diagnóstico e o acompanhamento, o medo da pandemia afastou os pacientes. Fizermos mutirões de exames, com os Corujões, nos horários de ociosidade da rede. Demos celeridade ao programa."

Atuar na gestão pública parece ser irreversível na carreira de Gorinchteyn. "No Emilio Ribas, a gente sempre fez saúde publica. Como embaixador do Trata Brasil, a atenção é para água tratada, saneamento básico, a questão do lixo. O que mais me encanta é fazer prevenção, lidar com a assistência primária. Temos muito o que fazer para identificação precoce das doenças." '

"Tenho recebido convites, estou analisando, mas vou continuar com minha vida de médico. Não abandonei o consultório nesses últimos anos." ■

FOTO: MARCO ANKOSQUI

NO SOCIAL

PADRE JÚLIO LANCELLOTTI

Júlio Renato Lancellotti, o padre Júlio, nasceu em São Paulo a 27 de dezembro de 1948 – segundo dos três filhos do casal Milton Fagundes Lancellotti e Wilma Ferrari, descendentes de italianos. Júlio mudou-se para a cidade paulista de Araraquara, aos 12 anos, onde se tornou seminarista. Descontente com a rígida disciplina – reação normal a qualquer adolescente –, retornou à capital paulista e seguiu nos estudos em um instituto presbítero da Ordem de Santo Agostinho. Formou-se em pedagogia, com especialização em orientação educacional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foi ordenado sacerdote, em 1985, pelo então bispo auxiliar dom Luciano Mendes de Almeida, com quem fundou a Pastoral do Menor e ajudou a formular o Estatuto da Criança e Adolescente. Criou a Casa Vida I e a Casa Vida II, voltadas ao acolhimento de crianças com HIV e tendo como madrinha da iniciativa a princesa Diana. Ele está também à frente do projeto A gente na Rua. Por seu trabalho contra maus tratos a crianças recebeu da PUC o título de Doutor Honoris Causa e teve a sua atuação reconhecida pela Unesco.

Anjo Júlio

A obra do padre Júlio Lancellotti à frente da Pastoral do Povo da Rua e da Pastoral do Menor e sua dedicação aos desvalidos da sorte foram reconhecidas pelo papa Francisco que lhe telefonou para saber de seu dia a dia

ANTONIO CARLOS PRADO

Certo dia, em São Paulo, um noivo terminou a sua relação amorosa. A noiva perdeu um excelente marido. A população carente da capital paulista, no entanto, ganhou um anjo da guarda. Fim de noivado com ofensas? Desavenças? Cobranças? Nada disso, ela sabia da sinceridade do então pretendente, que lhe explicou que dedicaria a sua vida a cuidar das pessoas que carecem de auxílio, material e espiritual, exercendo dessa forma a sua vocação sacerdotal na religião católica.

Vida que segue; seguiu para ambos. Ela se casou com ótimo esposo (o nome do casal é aqui respeitosamente preservado). Eis agora um detalhe a parecer mera minudência, mas o leitor verá que tem relevância. Quem celebrou o casamento? Pois é, foi o anjo! Foi o anjo que São Paulo e o Brasil ganharam.

É claro que o leitor já concluiu: para poder celebrar casamento, então o anjo é padre. Sim. Trata-se do padre Júlio Renato Lancellotti, de 73 anos e toda uma vida dedicada à defesa dos direitos humanos, à defesa dos desvalidos, à defesa dos que não têm sequer a mais rouca voz social. Recebe ele, assim, da **Editora Três** que entre outros produtos de comunicação publica a revista **ISTOÉ** em suas formas impressa e digital, o mais importante prêmio da imprensa nacional, concedido a brasileiros que se destacaram ao longo do ano no trabalho por um Brasil democrático, justo socialmente, saudável e feliz — o padre Júlio, presbítero católico, é o BRASILEIRO DO ANO DE 2022 na área social.

Júlio é autor de diversos livros, e é um dos raros padres que é lido por representantes das mais diferentes religiões — e também por laicos, sejam progressistas ou conservadores. Essa unanimidade deve-se à sua coerência, acrescida da coragem em denunciar violências do Estado nacional contra homens, mulheres, crianças e imigrantes. Também em 2022 foi agraciado com o prêmio Juca Pato, como intelectual brasileiro, concedido pela União Brasileira dos Escritores. Duas obras foram fulcrais para esse reconhecimento: Tinha uma pedra no meio do caminho (Matrioska Editora), na qual aborda a sua atuação junto às pessoas em situação de rua, e Amor à maneira de Deus (Planeta), em que expõe esse sentimento como misericórdia, empatia e compaixão.

POR INICIATIVA DO PADRE PAULISTA JÚLIO LANCELLOTTI, TODOS OS DIAS SÃO SERVIDOS, NA CIDADE DE SÃO PAULO,

500

CAFÉS DA MANHÃ A PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Seja liderando a Pastoral do Povo da Rua, seja liderando a Pastoral da Criança, padre Júlio não deixa que láureas e premiações obnubilem sua consciência crítica. "O povo da rua carece de quem o abrace. A maioria das pessoas foge porque há cheiro ruim. Esquece que nem acesso á água esse povo abandonado tem", disse Júlio à **ISTOÉ**. Ele é amoroso com quem merece delicadeza, perdoa setenta vezes sete os que erram inconscientes — como ensina o Evangelho de Mateus —, mas é tremendamente bravo, muito bravo mesmo, com aqueles que ferem os direitos humanos. "A dignidade da pessoa humana tem de estar em primeiro lugar", disse Júlio. Idêntica reação ele manifesta diante de pessoas famosas que tomam atitudes as quais, em sua concepção, agridem a dignidade humana. Exemplo disso são as suas declarações em relação a jogadores e ex-jogadores que gastaram até R$ 3 mil para se alimentarem no Qatar com carne folheada a ouro. "Estamos perdendo o senso do bem comum", disse padre Júlio. "Devemos voltar a pensar no bem comum, e não somente no individual".

Falando-se em bem comum, não restam dúvidas de que Júlio o distribui por onde passa: salvou a vida de torturados na ditadura militar, quebra pedras a marretadas sob pontes para que pessoas possam aí se acolher — conseguiu, com seu exemplo, que o Congresso derrubasse o veto de Jair Bolsonaro ao projeto de lei que proíbe a arquitetura hostil. Foi aprovada, assim, a Lei Júlio Lancellotti. Ele atuou na pandemia da Covid a ponto de ganhar um telefonema de cumprimentos do papa Francisco. "O papa quis saber como é o meu dia-a-dia de trabalho e me animou mais ainda", disse Júlio. A ligação foi para a humilde Paróquia São Miguel Arcanjo, no bairro da Mooca, na zona Leste paulistana. Essa é a paróquia do anjo. ■

Colaborou Fernando Lavieri

FOTO: MARCO ANKOSQUI

NO MEIO AMBIENTE

BRUNO PEREIRA E DOM PHILLIPS (IN MEMORIAM)

Bruno Araújo Pereira nasceu no Recife, em 1980. Entrou na Funai (Fundação Nacional do Índio) em 2010. Atuando como coordenador geral de Índios Isolados e de Recente Contato, em Brasília, comandou expedições para detonar balsas de garimpo em terras indígenas do Vale do Javari. Foi retirado do cargo, em 2019, no início do governo Bolsonaro. Licenciado da Funai, passou a atuar na União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Unijava), onde deu continuidade ao trabalho de monitoramento para mapear irregularidades . "Era o trabalho que a Funai deveria fazer", explica a antropóloga Beatriz Matos, viúva de Bruno. **Dominic Mark Phillips, o Dom Phillips,** nasceu em Bebington, no Reino Unido, em 1964. Em 2007, passou a atuar como jornalista free lancer no Brasil para veículos como o britânico *The Guardian*. "No início ele escrevia sobre tudo", lembra Alessandra Sampaio, viúva do jornalista. "Mas com o aumento do desmatamento da Amazônia, em especial durante o governo Bolsonaro, foi se interessando cada vez mais pelo assunto."

Vidas em luta pela floresta

O assassinato do indigenista brasileiro e do jornalista britânico amplificou suas vozes e revelou ao mundo o desmantelamento das políticas públicas para o Meio Ambiente no Brasil e o descaso do governo de Jair Bolsonaro com a Amazônia

GABRIELA RÖLKE

A probabilidade de os caminhos do brasileiro Bruno Pereira e do britânico Dom Phillips se cruzarem era mínima, não fosse por um ponto em comum: o amor pela Amazônia. Foi isso que fez com que o indigenista e o jornalista estivessem juntos na embarcação que desapareceu no dia 5 de junho de 2022 no rio Itaquaí, no Vale do Javari (AM), ao final de mais uma expedição de monitoramento organizada por Bruno para mapear irregularidades em território indígena e denunciá-las à Polícia Federal e ao Ministério Público Federal. Foram emboscados e mortos no trajeto para Atalaia do Norte (AM) por pescadores que atuavam ilegalmente em território indígena, e seus corpos só foram resgatados dez dias depois. Bruno atuava na proteção dos povos indígenas, e Dom Phillips documentava o avanço do desmatamento - escrevia um livro sobre como salvar a floresta.

A região onde os dois foram mortos, próximo da fronteira brasileira com o Peru e a Colômbia, abriga a Terra Indígena Vale do Javari. Era ali que Bruno passava grande parte dos seus dias. "Ele se dedicava à questão dos isolados", conta a antropóloga e professora da Universidade Federal do Pará Beatriz Matos, viúva de Bruno. O trabalho de mapear irregularidades foi responsável por inúmeras apreensões de embarcações que levavam pescado.

"Era muito difícil, cansativo, arriscado. Mas ele tinha uma certeza muito grande do que estava fazendo", diz Beatriz. "Era uma deferência aos povos indígenas, inclusive espiritualmente: ele participava dos rituais, da religiosidade indígena. Tinha um amor muito grande pela floresta, era onde realmente se sentia pleno". Depois do desaparecimento de Bruno e Dom, circulou e causou comoção um vídeo em que o indigenista canta uma canção indígena no meio da floresta. "Ele cantava aquela música pros meninos dormirem", lembra a antropóloga, mãe dos dois filhos de Bruno, então com três e dois anos.

Durante as expedições, o indigenista ficava até 30 dias longe - e incomunicável. "A falta que ele fazia no cotidiano era enorme, tenho dois pequenos. Mas tanto ele quanto eu acreditávamos muito na causa. E eu continuo acreditando", diz a antropóloga, que preside o Observatório dos Povos Indígenas, ONG da qual Bruno foi um dos fundadores e que foi criada para atuar onde o Estado falhou - na defesa dos indígenas isolados. "Seguimos adiante nesse trabalho", frisa.

> "PESCADORES AGIRAM A MANDO DE ORGANIZAÇÕES CRIMINOSAS QUE CONTINUAM TRAFICANDO DROGAS E ARMAS, QUE PESCAM ILEGALMENTE E ROUBAM MADEIRA"
>
> ALESSANDRA SAMPAIO, VIÚVA DE DOM PHILLIPS

Como correspondente estrangeiro, Dom Phillips havia construído uma rede de contatos com ambientalistas, antropólogos, biólogos e ativistas - e passou a ter Bruno como referência quando o assunto eram as terras indígenas da região. Foi a partir dessa relação de confiança que Bruno se dispôs ajudar o amigo na pesquisa para o livro que estava escrevendo.

Já havia registros de desentendimentos entre o indigenista e pescadores ilegais na região, mas o estopim para o assassinato teria sido Bruno ter pedido para Dom fotografar o barco dos acusados. Mais gente, no entanto, estava contrariada com o trabalho de Dom na Amazônia - e quem verbalizou isso foi o presidente Bolsonaro: "Esse inglês era malvisto na região, ele fazia muita matéria contra garimpeiro, questão ambiental", disse, ao tentar responsabilizar as vítimas pelo ocorrido ao dizer que eles "resolveram entrar numa área completamente inóspita".

"Antes de falar do legado de Dom Phillips, eu quero falar da perda", diz Alessandra Sampaio, viúva do jornalista. "A perda do Dom é uma perda minha, da família, de todo mundo; assim como a perda do Bruno. Ambos eram pessoas excepcionais", lembra. "É uma perda humana, assim como foi a perda de tantas outras pessoas que foram assassinadas por sua luta pela preservação da floresta". A dor da perda, no entanto, não diminui o clamor de Alessandra por justiça. "Acho que tem muita gente implicada. Os pescadores agiram a mando de organizações criminosas que continuam traficando drogas e armas, que pescam ilegalmente e roubam madeira de terras indígenas". Ela destaca o compromisso de Dom com a função social de sua profissão, de informar sobre a importância da Amazônia.

Bruno Pereira e Dom Phillips dedicaram suas vidas à preservação da Amazônia. A morte, em vez de calar, amplificou suas vozes e revelou ao mundo o desmantelamento das políticas públicas para o Meio Ambiente no Brasil e o descaso do governo Bolsonaro com a floresta. ■

FOTO: DANIEL MARENCO/AGÊNCIA O GLOBO

NA TV

ISABEL TEIXEIRA

Isabel é atriz formada pela Escola de Arte Dramática na Universidade de São Paulo. A artista hoje conhecida nacionalmente tem imponente trajetória no teatro. Foi integrante-fundadora da Companhia Livre de Teatro, por exemplo. Trabalhou em espetáculos de Regina Braga e Zélia Duncan. Detém renomados prêmios, como Shell de Melhor Atriz em 2009, por *Rainha[(s)] — Duas Atrizes em Busca de Um Coração*. Filha do músico Renato Teixeira e da atriz Alexandra Corrêa, Isabel cresceu nas coxias. "O teatro acontecia dentro da minha casa", relembra. Aos 19, desejou o mesmo caminho e assustou a própria mãe, batalhadora na área. "Quando falei que faria a EAD, ela teve um ataque. Falou: 'Pô, você não viu como foi difícil?'", recorda. "Mas quando escolhi como profissão, não tinha nenhuma ilusão". Com Teixeira cultivou a paixão pela música. "Meu pai e o violão são uma coisa só. Eu sei afinar um de ouvido", conta. "Em casa, a música não é ofício, mas está presente. Toco violão, flauta e piano. Faz parte da minha vida". Uma existência calcada na arte e cultura de nascença.

A fera do horário nobre

Entre onças e marruás, o remake *Pantanal*, da Globo, apresentou para o público a potência artística de Isabel Teixeira. A interpretação da atriz para a sofrida Maria Bruaca cativou a audiência e fez o Brasil debater as nuances da violência doméstica

ELBA KRISS

Exibido 32 anos depois da versão original, o remake de *Pantanal*, da Globo, despontou na audiência em 2022. O clássico de Benedito Ruy Barbosa para a Rede Manchete ganhou versão repaginada nas mãos de Bruno Luperi. Quando uma novela vai parar no mercado popular, entende-se que virou febre, e nunca se vestiu tanta estampa de onça como nesse ano. Em tempos de redes sociais, se alguém viralizou foi Isabel Teixeira, com sua interpretação de Maria Bruaca. A história da mulher que sofre nas mãos do marido opressor e, aos poucos, se liberta dos abusos, foi debatida com veemência na internet. Aos 49 anos, a atriz já consagrada no teatro foi ovacionada pela construção da esposa de Tenório (Murilo Benício). O olhar triste e a fala temerosa de quem normalizou a violência doméstica fez o telespectador aplaudi-la por meses. A expertise dos palcos falou mais alto. Não bastasse o drama, Bruaca também teve humor —entre atores há o conceito de que é mais difícil fazer rir do que chorar. E Isabel fez isso com maestria. Hipnotizou em uma torcida em busca da felicidade e liberdade feminina, incluindo a sexual. Isabel, que tem no currículo prêmios que vão do Shell ao APCA, enfim, foi apresentada à massa. E de forma avassaladora: virou fenômeno. "A televisão tem um alcance maior", analisa, em entrevista à **ISTOÉ**. A artista atribui os aplausos como resultado do que chama de "consciência do processo" do ofício. E resume a eficiência em cena como trabalho: "Eu sou uma trabalhadora antes de qualquer coisa. E adoro disciplina".

Diretora, dramaturga e pesquisadora, ela, acredite, se considera iniciante na TV. Apaixonada por corrida, compara os dias intensos no Projac, estúdios da Globo no Rio de Janeiro, com uma maratona. "Novela é uma prova de 42 quilômetros", exemplifica. Antes de *Pantanal*, ela fez participações na série *Desalma* e no folhetim *Amor de Mãe*. Mas essa foi a primeira vez que cumpriu uma "maratona" do começo ao fim. E, após longa estrada de palcos, ela se deparou com o estrelato. O triunfo em grande escala pode ludibriar alguns, não Isabel. "A frase 'eu quero ser atriz para ser famosa' é uma coisa que não consigo entender. Ser famoso é o quê?", questiona. "Eu sempre tive sucesso. Ter êxito é ter um dia belo e útil. Acordar e fazer o que ama do começo ao fim do dia. Isso é sucesso. Esse retorno da Maria Bruaca é consequência, não é o foco".

> "O coração que fiz para a Maria Bruaca colou no meu. É imaterial o que fica dela em mim. Me comovo com o que me foi dado de presente: uma personagem linda"

Assim, ela carregou com louvor a bandeira levantada por sua dona de casa em *Pantanal*. Nas ruas, ouviu relatos emocionantes de homens e mulheres. "Você ainda vai encontrar um casamento que tem uma Bruaca e um Tenório", lamenta. Por isso, ela se sente feliz de ser parte integrante da geração que contesta a violência. "Cultura transforma", observa. No caso, desperta. Afinal, por causa dela, falou-se também em etarismo. "Isso mexeu com as mulheres. Escutei muito: 'Você fez eu ficar mais bonita'", narra. Os prós foram muitos. Em anos de carreira, Isabel tem o hábito de colecionar objetos de suas personagens, uma roupa ou um adereço de cena para a posteridade. Da Bruaca, não levou nada. "O coração que fiz para ela colou no meu. É imaterial o que fica dela em mim. Fico comovida com o que me foi dado de presente", agradece.

Com o término de *Pantanal*, a intérprete voltou para a rotina assim como costumava ser antes da aclamação nacional. Em São Paulo, retomou sua editora artesanal, Cadernos Fora do Esquadro - com sede em seu apartamento, no bairro de Santa Cecília. "Não quero entrar no mercado editorial. Ainda bem que não é o que escolho para ganhar a vida, porque não ia dar", comenta, com sinceridade. O ofício a satisfaz. "Tenho necessidade de escrever", justifica. Entre as publicações, ela planeja o futuro. Hoje seu nome é categoria nível A na Globo, e corre à boca pequena que é disputada por autores da emissora. "Não rolou nenhum convite oficial", afirma. Ao mesmo tempo, analisa outras questões. "Nunca fiz cinema e tenho vontade de fazer. Aliás, tenho muitas vontades", finaliza. ■

FOTO: GABRIEL REIS

NA MÚSICA

LUDMILLA

Ludmilla é conhecida por seu talento, mas também pela forte postura contra o racismo. No desfile do carnaval de 2016, uma mulher comentou que o cabelo da cantora "parecia Bombril". Ludmilla entrou na Justiça e ganhou. No mesmo ano, processou um homem que lhe atacou pelas redes sociais. Um apresentador da Record TV fez um comentário pejorativo sobre ela – foi demitido na hora e a emissora ainda teve de lhe pedir desculpas. Dessa forma, Ludmilla tem inibido comportamentos racistas. Em 2019, foi a primeira negra a ser escolhida como cantora do ano no canal Multishow em 25 anos de premiação. Em 2023, ela almeja vitórias ainda maiores: "Espero um País com mais respeito e mais letramento racial. Que coisas triviais não precisem mais ser explicadas e que mais pessoas pretas estejam no poder – como é o caso da nossa maravilhosa Margareth Menezes, no Ministério da Cultura. Tenho certeza de que ela vai lutar ainda mais por igualdade racial, coisa que ela já trabalha há tempos".

Ela é danada e alto astral

A cantora lançou quatro discos, agitou a Copa do Mundo, alcançou o sucesso financeiro e ainda foi premiada com um Grammy Latino. Veja por que 2022 foi o ano da vida de Ludmilla, que saiu da Baixada Fluminense para conquistar o mundo

FELIPE MACHADO

As artistas brasileiras deram show em 2022: com sucesso de público, conquistas financeiras e reconhecimento internacional, diversos nomes brilharam nos palcos do Brasil e do exterior. É difícil, no entanto, negar que o ano foi espetacular para a carioca Ludmilla, de 27 anos, nascida em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Ela viveu uma sequência ininterrupta de triunfos: em janeiro, lançou o quarto disco de estúdio, *Numanice#2*, que lhe renderia poucos meses depois a premiação de um Grammy Latino de Melhor Álbum de Pagode. Em março, lançou o EP *Back to Be*, que celebrou seus dez anos de carreira. Para comemorar a data, convidou o famoso rapper Akon para uma gravação e voltou a usar o pseudônimo MC Beyoncé, homenagem à cantora norte-americana que lhe serviu de inspiração no início de sua trajetória.

Três meses depois lançou mais uma edição do projeto *Lud Sessions*, EP em parceria com a cantora Luísa Sonza. Em agosto, foi a vez de lançar a versão ao vivo do premiado *Numanice#2*, gravado na Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro, diante de mais de trinta mil pessoas. Detalhe: os ingressos se esgotaram no mesmo dia em que foram colocados à venda. A apresentação contou a presença de Alcione, que participou das faixas *Faz uma Loucura por Mim* e *Você me Vira a Cabeça*.

Em entrevista à ISTOÉ, a artista confirma: esse foi o período mais importante de sua vida. "Tive grandes marcos nesses dez anos, mas parece que 2022 consolidou toda a minha trajetória até aqui. Transitei por todos os projetos que tenho e as repercussões foram muito positivas", afirmou. Em 2020, Ludmilla já havia entrado para a história como a primeira cantora negra da América Latina a atingir mais de um bilhão de streams no Spotify. Como isso afetou sua carreira? "Eu me senti possível, sabe? Foi o início de um grande processo de crescimento pessoal e profissional. Todas as experiências me fizeram evoluir, claro, mas a partir desta marca veio uma esteira de acontecimentos profissionais que fizeram toda a diferença para a minha vida."

Durante a Copa do Mundo, Ludmilla se envolveu em uma polêmica no país muçulmano, conhecido pelas rígidas regras em relação à diversidade. Assumidamente bissexual, ela foi criticada por aceitar um convite para se apresentar ao vivo, mesmo sabendo que o Catar é acusado de desrespeito aos direitos humanos e à comunidade LGBTQIA+. "Fui porque penso que a minha presença poderia ter alguma relevância na hora de levantar a discussão sobre o assunto. E também porque virar a costas e não ir não resolveria nada. É importante furar a bolha e falar para além da comunidade", afirmou. Para completar o cenário, ela foi acompanhada pela esposa, a dançarina Brunna Gonçalves. "Carrego a bandeira na minha vivência ao mostrar o meu dia a dia com Brunna. Entendo que costumes religiosos devem ser protegidos, mas não dá para aceitar que, em 2022, direitos fundamentais da vida humana sejam cerceados por Estado nenhum. Por isso fui, cantei e vou ajudar instituições LGBTQA+ no Brasil ao longo de 2023. Faço o que está ao meu alcance, o que me sinto apta, sendo sempre muito fiel à minha verdade."

> "TIVE GRANDES MARCOS NESSES DEZ ANOS. MAS PARECE QUE 2022 CONSOLIDOU TODA A MINHA TRAJETÓRIA ATÉ AQUI. TRANSITEI POR TODOS OS PROJETOS E AS REPERCUSSÕES FORAM MUITO POSITIVAS"

Por ser presença constante nas colunas de celebridades e redes sociais, Ludmilla deu visibilidade à luta pelo direito à diversidade sexual. Mas ela concorda que ainda falta muito para o respeito ser universal. "Estamos no caminho e já avançamos um pouco. Quando eu nasci, pessoas do mesmo sexo ainda não tinham o casamento legalizado. Hoje sou casada, posso ser feliz com a minha esposa e mostrar isso para o mundo. Acho que o que mais falta é as pessoas pararem com preconceito."

Para 2023, a cantora cita a volta do Ministério da Cultura como um ponto positivo que incentivará as atividades do setor, principalmente para os que têm menos acesso: "A cultura é o que faz pensar, é o que nos faz viajar sem precisar sair do lugar. Ela provoca questionamentos, desperta a inteligência." Ludmilla aproveita para deixar uma mensagem para quem quer entrar 2023 "numanice", como diz sua canção: "Faça o possível para ir em busca da sua felicidade. Não é fácil, mas acho que é o maior compromisso que devemos ter com nós mesmos." ■

FOTO: YGOR MARQUES

Jhulia Rayssa Mendes Leal, 7 anos, se vestiu de fada azul, com asinhas, para o desfile do Dia da Independência, em 2015. E pediu à mãe, Lilian, que levasse os tênis porque sairia direto para uma disputa de rua, em Imperatriz, no Maranhão. Tinha ganho o skate do pai, Haroldo, quando fez 6 anos, no 4 de janeiro de 2014. Mas foi com o vídeo daquele 7 de setembro postado pela mãe, Lilian, que o mundo conheceu a "fadinha azul" e seu heel flip sobre degraus de uma calçada. Repassado pelo lendário Tony Hawk, o "Toninho" para a garota, teve milhões de visualizações. E a carreira acelerada pela alegria levou a maranhense para a Olimpíada de Tóquio com apenas 13 anos. As imagens pela emoção da prata, junto com as adversárias, conquistaram mais 3,6 milhões de seguidores para seu Instagram, da noite para o dia. "Eu já estava na SLS, o que era um sonho. Mas Olimpíada é um salto para o atleta Para mim, foi muito especial e importante."

Rayssa voa alto no skate

O ano foi excepcional para a garota que, com apenas 14 anos, foi campeã invicta da liga de elite do skate mundial e ouro dos X-Games, se tornou uma profissional do esporte e agora em 2023 vira o foco para a vaga olímpica em Paris 2024

DENISE MIRÁS

Fenômeno do skate, Rayssa Leal passou como um furacão por 2022. À toda velocidade e mantendo o sorriso aberto de moleca, encerrou o ano como campeã da mais importante competição mundial do esporte, a Street League Skateboarding. E com apenas 14 anos. Uma conquista excepcional, porque da SLS participa apenas a elite do skate: são os 50 melhores do planeta, homens e mulheres. Mas a brasileira de Imperatriz, no Maranhão, fez mais. Encerrou o circuito invicta, vencendo as três etapas iniciais em Jacksonville, Seattle e Las Vegas, respectivamente em julho, agosto e outubro, para também ganhar a última, no Rio de Janeiro, em novembro, como a melhor entre as melhores: foi ouro na Supercrown – a final com apenas os oito de destaque do ano, no feminino e no masculino. Também ganhou status de skatista profissional nos EUA, ao assinar sua primeira pro-model de shape em parceria com a April, uma das oito patrocinadoras (a Nike, tem desde os 10 anos), com as asas de "Fadinha" pintadas sobre fundo azul. Por toda sua história, simpatia e alegria, acumula 6,5 milhões de seguidores no Instagram e outros 4,6 milhões no TikTok.

Rayssa arrasou, com seus 1,57 m e 48 kg, comprovando a ousadia nas manobras como "goofy" (seu pé de apoio, atrás do skate, é o esquerdo) e a consistência nos resultados.

"Foi mesmo um ano bem legal. No fim de 2021 escrevi que minha meta para 2022 era ganhar todas as etapas da SLS. E me esforcei muito para conseguir. Só não sabia que ainda ia ganhar a última, que é considerada o Mundial. E no Rio, com a torcida brasileira. Foi demais!", afirma a garota. "Ah, ganhei meu primeiro X-Games. Então, foram dois momentos muito bons. Acho que cresci." Essa "douradinha" dos X-Games, competição que estreava no Japão, veio em abril, quando Rayssa venceu o street em Chiba, diante de uma multidão atraída pela "olimpíada de esportes radicais".

Prata olímpica no Japão, em julho Rayssa esteve em Roma, para o início da contagem de pontos do ranking que classificará os skatistas que irão a Paris, em 2024. Mesmo sem ter ido tão bem nesse pro-tour, pré-olímpico classificado como um "mundial" para a World Skate (organizadora do esporte internacional), a brasileira mostrou manobras arriscadas contra as japonesas, que dominaram a competição. A virada foi no Open Rio, em outubro (que perdeu o status de mundial e pré-olímpico por alegada falta de organização). Rayssa não deu chances a essas adversárias e brilhou novamente. Ficou com o ouro, elogiou o crescimento das rivais e agradeceu muito à "galerinha". Por tudo isso, foi eleita a Brasileira do Ano no Esporte.

> "Skate é isso: juntar a galera e ir para a rua andar. É dar seu melhor, mas também vibrar para todos acertarem as manobras. Ver o outro acertando é de arrepiar"

Entre estudos no colégio Cebama e a cata de acerolas com o irmão caçula Arthur no sítio da família em Davinópolis (onde pensa construir em centro esportivo com pista de skate, quadra e campinho de futebol, outra paixão da corintiana, herdada do pai Harold-do), segue brincando e treinando com os amigos na pista remodelada pela prefeitura de Imperatriz. Ali, a mãe Lilian "me ajuda muito nessa evolução, me mostra as opções de manobras que preciso jogar na hora do campeonato e aquelas que preciso 'colocar no pé', porque conhece meu skate". Rayssa diz ainda que tem "o Felipe, meu irmão do coração que treina comigo há muito tempo e me dá dicas". E conta que começou a trabalhar "com um fisioterapeuta dedicado, o Alisson, e uma psicóloga, a Gi". É todo um time, diz, que a ajuda a evoluir e seguir com bons resultados.

Sobre 2023, Rayssa destaca que já estão confirmadas duas etapas classificatórias para os Jogos de Paris: em Sharjah, nos Emirados Árabes, em janeiro, e em Roma, em junho. "Vou focar na vaga olímpica, com certeza, e sempre me divertindo. A competição é individual, só que a origem do skate é coletiva. Skate é sobre isso: juntar a galera e ir para a rua andar. É dar seu melhor, mas também vibrar para todos acertarem as manobras. Para quem gosta de skate, vive do skate, ver o outro acertando é de arrepiar. E se a disputa fica difícil, é sinal de que a galera está melhorando e então fica mais legal ainda." ■

FOTO: GERSON MILITÃO

LINHAGEM GENÉTICA Humanos criaram seletivamente cachorros capazes de tarefas específicas, como o pastoreio

Cães de laboratório

Estudo mapeia os genes por trás do comportamento canino para comprovar como os cruzamentos de raças criaram animais com habilidades específicas

Elba Kriss

O maior e mais bem-sucedido experimento genético que os humanos já fizeram foi a criação de raças de cães ao longo de milhares de anos. Essa é a conclusão de um estudo do Instituto Nacional de Pesquisas sobre o Genoma Humano, nos Estados Unidos. Hoje domesticados, os cachorros foram esculpidos para cumprirem tarefas no passado. Exemplo do Border Collie, ágil e eficiente com rebanhos, ou o Jack Russell, compacto e atlético para perseguir suas presas. Entender os traços comportamentais desses pets sempre foi desafiador, mas a atual averiguação norte-americana mapeou as origens de tais habilidades.

A investigação provou que o homem criou seletivamente cães capazes de realizar tarefas específicas, cruzando raças. "Precisávamos de espécies para pastorear e caçar. Nossa sobrevivência dependia disso", diz a geneticista Elaine Ostrander, responsável pelo estudo.

Pesquisadores analisaram o DNA de quatro mil cães, provenientes de 200 raças, juntamente com 46 mil avaliações de tutores de animais de estimação. Assim, definiram que existem dez tipos de cachorros, cada categoria com um comportamento distinto expresso em seus genes. "Seres humanos se aproveitaram da antiga variedade entre os ancestrais selvagens dos cachorros para criar tipos caninos únicos", diz Emily Dutrow, uma das pesquisadoras.

Valeska Rodrigues, docente do curso de Medicina Veterinária da Unifran, destaca a importância do estudo. "O mapeamento genético tem evoluído dentro das espécies, inclusive quando se trata de raças de trabalho como guias, farejadores, pastores e cães de guarda. Antigamente, a seleção era pela família, origem dos pais, pedigree ou registros", inicia. "Porém, muitas características foram diferenciadas a partir das pesquisas genéticas." Algumas raças apresentam grande consanguinidade, o que comprova a manipulação genética que vem dos cruzamentos.

A investigação especifica, por exemplo, que o Border Collie tem uma variante que ajuda as células nervosas a se comunicarem com o cérebro, o que justifica o hiperfoco do pet "inteligente". "Depois de 30 anos tentando entender a genética de cães que pastoreiam rebanhos, finalmente, começamos a desvendar o mistério", finaliza Elaine. ■

RAÇAS E SUAS CARACTERÍSTICAS ANCESTRAIS

BORDER COLLIE

Servia para proteção ou movimentação de rebanhos. Alto nível de energia e hiperfoco

LABRADOR RETRIEVER

Cães de caça e nadadores, usados para recuperar animais abatidos

JACK RUSSELL

Perseguiam animais daninhos ou expulsavam presas de seus esconderijos

COCKER SPANIEL

Auxiliavam caçadores, apontando a presa ou jogando o animal abatido no ar

HUSKY SIBERIANO

Criado para levar cargas, pessoas ou objetos; hoje tem baixa treinabilidade

FOTOS: ISTOCKPHOTO

TOKIO MARINE HALL

OS MAIS AMADOS DE SP

PRA ONDE VOCÊ RESOLVER IR,
A MÚSICA TE LEVA

TOKIOMARINEHALL.COM.BR

Patrocínio: Da Magrinha 100% INTEGRAL

Cia. Aérea Oficial: Azul

Mídia Partner: uol

Apoio: ESTANPLAZA · shift · CONSIGAZ · CRISTÁLIA

Realização:

Seguimos todos os protocolos internacionais de segurança e higienização. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal.

Os descontos não são válidos para meia entrada. Pré-venda (mínimo de 48 horas de antecedência do público geral) exclusiva para segurados ou colaboradores da Tokio Marine Seguradora S.A. ou corretores cadastrados no Portal do Corretor. Na pré-venda os 50 primeiros segurados ou colaboradores ou corretores têm direito a compra de 04 ingressos, por CPF, com desconto exclusivo de 50%. Atingidos os 50 primeiros CPFs e ainda estando dentro das 48 horas da pré-venda, segurados ou colaboradores ou corretores terão 20% de desconto até o limite de 30% da carga de ingressos. Após a pré-venda será aplicado o desconto de 20% para segurados ou colaboradores ou corretores, não cumulativo com outras promoções e limitado a 4 ingressos por CPF. Segurados passam a ter direito ao desconto um dia após a emissão da apólice e até o término da vigência do seguro. Seguros adquiridos por meio de apólices coletivas, certificados e bilhetes não participam da promoção. Todos os descontos desse regulamento são aplicados no valor do ingresso na data da compra e NÃO são cumulativos com outros descontos e outras promoções. A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada à apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI N° 7.844 DE 13 MAIO DE 1992. Capacidade máxima = 4.900 pessoas | Processo SEI: 1020.2022/0000255-5. R. Bragança Paulista, 1281 | www.tokiomarinehall.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120

Gente

por Elba Kriss

Hollywood na TV brasileira

Enquanto muitos atores brasileiros sonham com a vida em Hollywood, nos EUA, a norte-americana **Maiara Walsh** fez o caminho inverso: aos 34 anos, a atriz é destaque como Abigail na série *Reis*, da Record. Na trama, ela faz o papel de uma das esposas de Davi (Cirillo Luna). A ligação com o País vem de berço: sua mãe é brasileira. "Tenho um carinho especial pelo Brasil. Cresci visitando o País com frequência, assistindo a novelas e ouvindo música brasileira", afirma à ISTOÉ. "Queria me conectar com o público daqui. Hoje sou grata por poder trabalhar nos dois países." Nos EUA, Maiara começou a carreira aos 14 anos na produção *Cory na Casa Branca*, do Disney Channel. Na sequência fez séries e filmes, como *Meninas Malvadas 2*. A possibilidade de fazer algo totalmente diferente a atraiu para a Record. Nos últimos dez anos, escreveu roteiros de cinema e TV, dirigiu o thriller *Bright* e o curta *Young Blood*. Tem mais: está terminando seu primeiro livro e acaba de se lançar como cantora, com o single *Suede & Velvet*. É dona de um estúdio em Los Angeles, onde a veia artística se manifesta. "Sempre tive o sonho de ter um lugar onde artistas de todas áreas pudessem se reunir para criar e ter diálogos sobre vida e criatividade", explica. Além do talento, ainda é generosa.

Assumiram... até que enfim

*O ator **Max Minghella** e a atriz Elle Fanning assumiram o namoro que já era especulado há tempos. Em 2018, os dois trabalharam no filme* Espírito Jovem *e, desde então, sempre são vistos juntos. Entre fotos nas redes sociais e eventos, tentaram ser discretos. Não se sabe por quê, mas isso tudo mudou na semana passada, quando chegaram de mãos dadas à première do musical* Babilônia, *estrelado pelo galã. Pode ser que a privacidade mantida até o momento tenha sido para evitar o falatório ao redor da diferença de idade do casal. Com 37 anos, o ator é 13 anos mais velho que a amada, que tem 24.*

Sexy demais

Uma demissão levantou um debate no mundo esportivo. Estrela da luta livre norte-americana, a atleta Mandy Rose foi desligada da World Wrestling Entertainment — empresa que organiza os campeonatos — por divulgar fotos em poses sensuais. Explica-se: a lutadora vende cliques em uma plataforma de conteúdo adulto, com bastante sucesso. Milhares de assinantes chegam a pagar US$ 40 (mais de R$ 200) por mês para ver suas imagens. A WWE enxotou a beldade por considerar que esse tipo de perfil mais voltado para o erotismo "está fora dos parâmetros" da categoria.

Galã com o pé no chão

No dramático enredo de *Todas as Flores*, da Globoplay, o ator **Luiz Fortes** é um dos destaques como Rominho. Estreante em novelas, o rapaz está mais do que grato por seu primeiro trabalho ser ao lado de um elenco de peso. "Isso me dá uma dimensão de querer fazer sempre o melhor", diz. Na trama, o ator interpreta uma vítima de tráfico humano. O intenso personagem exigiu horas e horas de pesquisa. "Vi muitos filmes de suspense e drama, principalmente as produções de Alfred Hitchcock", afirma. "Além da parte interior, aumentei minha carga de treinos para estar preparado fisicamente. O mental e físico se agregam nesses períodos dramáticos." Aos 21 anos, Fortes entrou para a lista de galãs da Globo. "Gosto do título", entrega. "Mas sei que um galã só tem importância quando se propõe a atingir algo que está além da beleza".

A rainha do público

Ela é a vizinha que todos gostariam de ter. Como Marineide em *Travessia*, da Globo, a atriz **Flávia Reis** tem sentido a repercussão positiva de sua personagem nas ruas: "Ela foi acolhida pelo público, assim como fez com a protagonista Brisa (Lucy Ramos): a recebeu de braços abertos". Como comediante, a artista trabalhou por anos com Paulo Gustavo e hoje tem presença forte nas redes sociais. Seu conteúdo no Instagram tem viralizado. "Percebi que não precisava estar numa série, filme ou peça para fazer humor", diz. Recentemente, ela tirou sarro dela mesma: depois de ouvir que era parecida com a atriz Olivia Colman, de *The Crown*, da Netflix, criou uma personagem inspirada na rainha. Flávia admite que sofre inspiração da colega britânica. "Modéstia à parte, acho que temos uma semelhança não só física, mas também no jeito de interpretar: com seriedade e autenticidade."

De Superman a herói de videogame

No papel de *Superman* há quase uma década, o ator **Henry Cavill** não será mais o herói no cinema. A notícia pegou todo mundo de surpresa - inclusive o astro, que estava reservado o tempo para estrelar o próximo filme da DC. Em comunicado, ele se declarou "triste" e lamentou a decisão do estúdio. Dispensado, o britânico não ficou muito tempo desempregado. Foi anunciado na série *Warhammer 40.000*, baseada no videogame homônimo, que será produzido pela plataforma de streaming Amazon Prime. "Prometo que vou me esforçar para oferecer algo fantástico, que nunca foi visto", afirmou. A empolgação faz sentido: além de protagonista, ele será o produtor-executivo - com certeza será um superprojeto.

FOTOS: RYAN HATFORD/DIVULGAÇÃO; EMMA MCINTYRE/GETTY IMAGES VIA AFP; CARLO LOCATELLI/DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO/INSTAGRAM; FREDERICO FABER/DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Economia/Trabalho

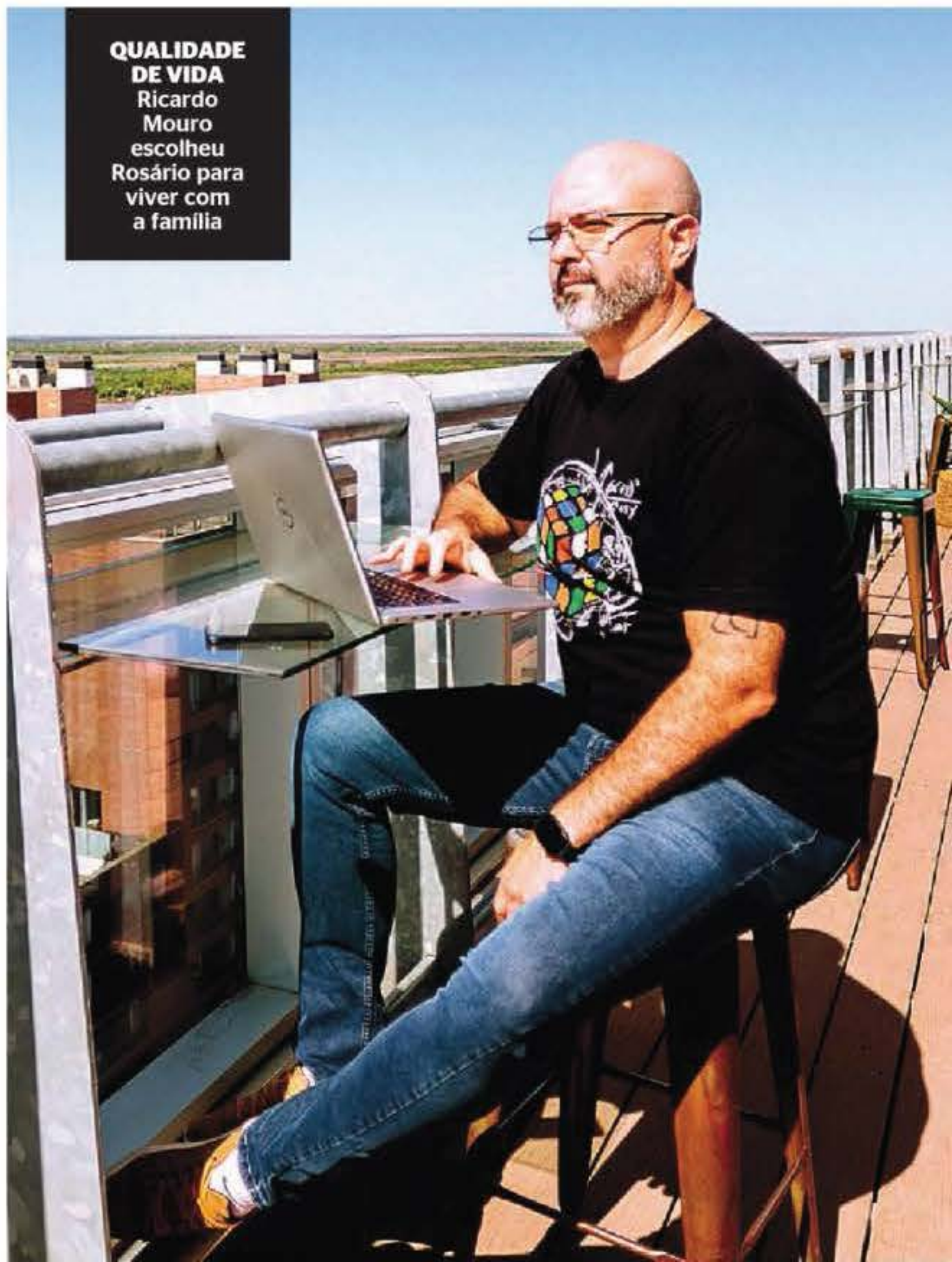
EM TERRA DE PESOS, QUEM TEM REAL É REI

Em cidades como Buenos Aires e Rosário, brasileiros trabalham em home office para empresas nacionais e ganham mais do que os argentinos **Mirela Ruiz**

Ser nômade digital, como é conhecido o profissional que precisa somente de uma conexão com a internet para desenvolver o seu trabalho em qualquer lugar, parece um sonho distante, mas pode se tornar realidade inclusive no exterior. A modalidade era comum nas áreas de tecnologia e de marketing digital, mas chegou a novos setores depois da pandemia. Esse é o caso da jornalista Yasmine Holanda Fiorini, de 32 anos, que escolheu morar por alguns meses em Buenos Aires, Argentina, com sua namorada, a designer Gabriela Fantini, trabalhando para uma empresa no Brasil. Com a desvalorização do peso, vive dias de puro requinte. "Tinha essa ideia de vir para cá muito fixa, mas quando fiquei sabendo do esquema da Western Union ou do câmbio blue, fiquei super feliz!", diz a brasileira.

A jornalista utiliza um tipo de conta para transformar o real em pesos argentinos. O valor é convertido por uma cotação paralela do dólar americano. "Tem sido bem vantajoso ganhar em real e gastar em pesos. Já estou sofrendo um pouco porque sei que não vou poder manter o mesmo padrão das saídas quando voltar para o Brasil", declara Yasmini.

Com a crise econômica na Argentina — a inflação pode chegar a 70% este ano

QUALIDADE DE VIDA Ricardo Mouro escolheu Rosário para viver com a família

NÔMADE DIGITAL Yasmine trabalha 100% online em sua típica varanda portenha em Buenos Aires

–, brasileiros podem usufruir de uma vida mais confortável se souberem administrar seus ganhos e conhecer os macetes portenhos para não perder o dinheiro na conversão. O país é conhecido por suas inúmeras livrarias e seus cafés em estilo europeu e tem atraído mais brasileiros nos últimos anos. O número de imigrantes do Brasil que vivem na Argentina, segundo o último censo, supera 48 mil pessoas.

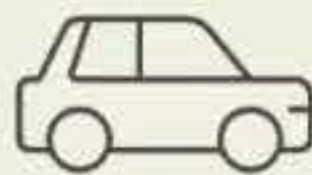
O arquiteto de software Ricardo Mouro também escolheu a Argentina para viver. Em agosto de 2019 mudou-se com sua família para Rosário, terra de Che Guevara e Lionel Messi. "A Argentina tem um custo de vida inferior ao Brasil em algumas coisas, como aluguel, serviços domésticos (babá, ajudante de limpeza) e alimentação em geral", explica.

De acordo com levantamentos da Numbeo, empresa que compila dados estatísticos de várias regiões do mundo, Buenos Aires é cerca de 40% mais barata que São Paulo. Além disso, quando se compara cidades como Rosário e Campinas (que são semelhantes), há valores até 52% mais baixos quando o assunto é custo de vida. "A principal vantagem é que ganhar um salário dentro padrão brasileiro e viver aqui te dá um pouco mais de poder de compra. Mas nem tudo é mais barato. Importados, eletrodomésticos e móveis podem ser mais caros", alerta.

O arquiteto de software também concorda que o câmbio tem favorecido muito aos brasileiros em terras portenhas, mas com ressalvas. "Esse cenário favorece quem ganha em reais, mas você tem que aprender a trabalhar com o câmbio paralelo, porque pelo oficial dá na mesma ou fica mais caro", frisa.

Somando os custos básicos, como aluguel, alimentação e lazer, o gasto está muito mais em conta. O real hoje equivale a 32,76 pesos argentinos, no câmbio oficial – mas a cotação pode variar, pois o sistema de câmbio argentino tem pelo menos 13 tipos de cotações. "A princípio é muito estranho isso de paralelo, porque quando a gente vem da estabilidade econômica do Brasil, chega sem malícia. Com o tempo, você se acostuma a ter uma vida financeira oficial e outra paralela", explica Ricardo. O plano dele é continuar com sua empresa em Campinas, interior de São Paulo, e morar na Argentina. "Vivi com a minha esposa no Brasil de 2013 a 2019. Casei em 2014 na Argentina. Em 2016, minha filha nasceu aqui e, em 2019, viemos definitivamente." ■

DIFERENÇA DE PREÇOS ARGENTINA X BRASIL

Higiene pessoal
50%
mais barata

Transporte
52%
mais barato

Aluguel
22%
mais barato

Restaurantes
6%
mais baratos

Supermercado
21%
mais barato

FOTOS: ERIKA FAYOLLE; GABRIELA FANTINI

Reviravolta: o Japão se arma

AUTODEFESA
Navio de guerra japonês (à frente) realiza exercício com aliados: gastos são uma resposta às novas tensões

Em meio aos mísseis norte-coreanos e ao **avanço chinês**, o maior aliado dos EUA no oriente investirá **US$ 315 bilhões** em autodefesa. É uma revolução para um país que se voltou ao **pacifismo** desde a Segunda Guerra

Denise Mirás

Domingo, 18 de dezembro de 2022, representa "um ponto de virada na história". Essa foi a definição do primeiro-ministro, Fumio Kishida, para o dia em que diretrizes da política de segurança do Japão passaram por uma verdadeira revolução. Na teoria, manteve-se o artigo 9º da Constituição de 1947, que proíbe as Forças Armadas de atacar, mas agora se permite que elas sejam acionadas em "modo ataque" para a defesa do país. Um jogo de palavras alterou a Estratégia de Segurança Nacional, permitindo ao Japão atacar "preventivamente" e, assim, atingir alvos em território inimigo, impedindo o lançamento de mísseis, por exemplo, no caso de se sentir ameaçado. Esse ataque, agora, é reconhecido como autodefesa.

FOTOS: JUSTIN STACK/DVIDS U.S. NAVY/AP; KCNA VIA KNS/AFP

"O Japão não é um país pacífico, mas pacifista. É favorável a negociações, mas uma parte militar se faz presente. Agora, se mostra mais ativo com relação à segurança, mas sem deixar de lado a pacificidade", observa Bárbara Dantas Mendes, mestre em Estudos Japoneses e pesquisadora do Grupo Ásia-Pacífico do NUPRI-USP. "É uma atitude que vem sendo trabalhada desde 2013. O ex-ministro Shinzo Abe, com quatro mandatos entre 2006 e 2020, definiu-a como 'pacifismo pró-ativo'. Não é uma política de governo, e sim de Estado."

AMEAÇA
Mísseis norte-coreanos passam sobre o Japão: para o ditador Kim Jong-un, são "para desenvolvimento de satélite"

Com a reviravolta na política de segurança, serão disponibilizados US$ 315 bilhões para defesa ao longo de cinco anos — a partir de 2023, com a meta de dobrar os gastos anuais de 1% do PIB para 2% até o fim do ano fiscal de 2027. No ano que vem, dos US$ 49 bilhões previstos, cerca de US$ 30 bilhões irão para a compra de mísseis standoff, que estendem o alcance das forças de autodefesa, e para mísseis de cruzeiro médios, que atingem alvos a até 1.600 km.

Proporcionalmente, observa Bárbara, esse montante nem é muito, se tomado dentro do gigantesco PIB de US$ 4,9 trilhões (cerca de R$ 26 trilhões), como terceira economia do mundo. Os EUA, a primeira (à frente da China), colocam nada menos que 30% de seu PIB em defesa, segundo a pesquisadora. De toda forma, a quantia prevista pelo Japão para autodefesa, por cinco anos, equivale à soma total dos países membros da OTAN em 2021, que estão em alerta com a guerra na Ucrânia — um montante da ordem de US$ 300 bilhões.

NO FOGO-CRUZADO

Essa mudança, o Japão alega, é necessária pelo aumento de riscos na região. O líder chinês Xi Jinping foi reeleito por cinco anos, e ele tem planos de expansão territorial. A pressão sobre Taiwan, que a China considera seu território, resultou em cinco mísseis chineses caindo em águas japonesas. As ilhotas Senkaku (Diaoyu, em mandarim), sob controle japonês, são reivindicadas pelos chineses. Para o governo Kishida, a defesa antimísseis se tornou insuficiente em um ambiente que fica cada vez mais complicado, envolvendo norte-coreanos, russos, chineses, taiwaneses — e americanos.

Há outras justificativas, como os mísseis da Coreia do Norte que passam por cima do Japão (o líder Kim Jong-un diz serem apenas "testes para desenvolvimento de um satélite de reconhecimento"). Até a guerra da Ucrânia entrou na lista de ameaças na região: se a China fizer valer seu apoio à Rússia, até agora velado, os EUA responderiam a partir das bases que mantêm na ilha de Okinawa, ficando o Japão no fogo-cruzado. Mas os japoneses dizem que a ameaça maior, de fato, é a China, fazendo coro aos EUA, que têm essa potência como "inimiga número 1".

Os americanos saudaram a mudança na política de segurança japonesa, encarada como um "passo ousado e histórico para ajudar a manter a paz no Indo-Pacífico" e que deverá reformular as Diretrizes de Cooperação de Defesa entre os dois países, revisada em 2013. "Essa atitude mais participativa do Japão já era esperada pelos EUA, que pretendem uma contraposição ao aumento da presença chinesa. Mas não é porque agora tem possibilidade, que o Japão irá atacar primeiro", diz Bárbara. "Naquela região, de 'instabilidade estável', como se diz, são estreitas e fortes as relações econômicas entre países, e inclusive vitais, para Japão e China."

População japonesa não quer mais gastos com armas, ainda mais se forem acompanhados de aumento de impostos

A China criticou a nova política de defesa do governo Kishida, que "desvia de seu compromisso e de relações e entendimentos comuns". E não foi só ela. Dentro do próprio Partido Liberal Democrático há oposição pelo aumento da dívida pública. A população, em sua maioria contrária a gastos com armamentos por princípio, reagiu de imediato — ainda mais com o primeiro-ministro adiantando que vai aumentar impostos. ■

Cultura

LIVROS **por Felipe Machado**

"Poesia nada tem a ver com beleza. Eu não procuro a beleza, procuro a poesia"
Lina Bo Bardi,
arquiteta e designer

Arquiteta de cadeiras

Fotos e croquis inéditos da produção de Lina Bo Bardi revelam que, como designer, a sua busca pela brasilidade ultrapassou as fronteiras do modernismo e a tornou uma pioneira também na criação de mobiliário

TIGELA Conhecida como *Bowl Chair*, foi criada como concha de alumínio revestida de espuma. Sua inspiração veio da cumbuca caiçara. A cadeira, segundo Lina, "transmitia o aconchego uterino"

3 PÉS DE MADEIRA Releitura da rede indígena, que Lina considerava "o mais perfeito instrumento de descanso". A versão dessa peça com conduítes antecipou a utilização de materiais contemporâneos

MASP 7 DE ABRIL Feita para o pequeno auditório da primeira sede do museu, no centro de São Paulo, ela é dobrável para ser transportada com facilidade, como as cadeiras dos circos itinerantes

Não importa o estilo ou a época, todo arquiteto tem um sonho sigiloso e prosaico: projetar a cadeira perfeita. Com Lina Bo Bardi não foi diferente. Dona de uma visão ampla do seu trabalho, essa italiana de nascimento e brasileira de coração desenvolveu diversos modelos inovadores de mobiliário, peças tão revolucionárias e originais quanto suas casas e edifícios. Seu marido, Pietro Maria Bardi, um dos criadores do MASP, foi quem melhor a definiu: "Lina via arquitetura em todos os objetos".

Essa vertente de seu ofício está reunida pela primeira vez no excelente livro *Lina Bo Bardi Designer: O Mobiliário dos Tempos Pioneiros 1947-1958*, de Sergio Campos, registro histórico que ajuda a compreender o pioneirismo do legado deixado pela arquiteta do MASP. Além do texto crítico, a publicação traz material fotográfico, croquis e desenhos, muitos deles inéditos – material que remete ao conceito da exposição realizada em 2014, na Casa de Vidro, em São Paulo. A lendária construção que foi residência do casal Bo Bardi, no bairro do Morumbi, zona sul da capital, sediou uma mostra organizada pelo autor do livro em homenagem ao centenário de nascimento da arquiteta. "Minha proposta era abranger o período entre a criação do MASP, em 1947, até o final dos anos 1950, antes de Lina ir para a Bahia", afirma Campos.

Apesar de apresentar características que poderiam ser aplicadas em maior escala, a produção do mobiliário de Lina não chegou a ser industrializada, o que tornou os itens criados por ela ainda mais raros. Acabaram servindo de inspiração para as primeiras iniciativas de produção em série do mobiliário moderno brasileiro, como criações de, entre outros, Zanine Caldas (Fábrica de Móveis Artísticos Z), Jean Gillon (Italma/Wood Art), Sergio Rodrigues (Oca) e Jorge Zalszupin (L'Atelier).

CADEIRA DEMOCRÁTICA

A primeira cadeira de Lina foi criada a partir de uma limitação física. O pequeno auditório do MASP, ainda em sua versão inicial, na rua 7 de abril, no centro de São Paulo, exigia uma peça prática e de multiuso. O ideal seria uma cadeira que pudesse ser usada no exíguo local e, ao mesmo tempo, em outras atividades do museu. Seria adequado ainda que ocupasse pouco espaço ao ser guardada, quando o auditório fosse usado para outros fins. Além de compacta e simples, portanto, "a cadeira do MASP 7 de Abril", como ficou conhecida, era dobrável e fácil de empilhar. E era, também, democrática, seguindo os princípios políticos do casal Bardi: dos convidados de gala aos alunos que estudavam no museu, seu uso não permitia nenhuma distinção hierárquica. Chegou a ser comparada às cadeiras das plateias de circo, que, por serem espetáculos itinerantes, obedeciam ao mesmo tipo de demanda.

Lina passou de modernista à contemporânea, incorporando a brasilidade e elementos estranhos à criação de móveis da época. "A cadeira de três pés de conduíte, por exemplo, usava um material que era impensável em 1948. Esse tipo de inovação só começou a ser feito nos anos 1990, com nomes como os irmãos Campana", diz Campos. O autor lembra ainda que Lina olhava para o Brasil enquanto outros colegas modernistas, como John Graz e Gregori Warchavchik, seguiam a linha internacionalista: "Ela não foi imediatamente compreendida. Ao criar assentos de cadeiras costurados com cordas, como as roupas das pessoas do interior, fazia referência a uma brasilidade que nem os brasileiros enxergavam, porque estavam olhando para a Europa". Pietro Maria Bardi costumava confirmar a importância que a esposa atribuía a esse aspecto de sua carreira: "Para Lina, projetar uma cadeira significava respeitar a arquitetura. Ela enfatizou o aspecto arquitetônico de uma peça de mobiliário". ■

FOTOS: ACERVO INSTITUTO BARDI/DIVULGAÇÃO; SERGIO CAMPOS

AMIZADE Sophie e Colum: memória dos personagens é ofuscada pelos anos

FILME

Férias de verão com o meu pai

No original e emocionante *Aftersun*, garota volta no tempo para recordar temporada em um balneário na Turquia

Lembra daquelas férias de verão, quando você era criança e o seu pai um ser invencível? A diretora escocesa Charlotte Wells usou essa idéia universal como inspiração para seu primeiro longa-metragem, que tem chamado a atenção pelo estilo e originalidade. As memórias da infância são os temas que norteiam *Aftersun*, emocionante drama dirigido com maestria pela jovem Charlotte, hoje com 35 anos, que tinha apenas 27 quando deu início ao projeto. Suas lembranças ganham a tela por meio da visão de Sophie (Frankie Corio), garota de onze anos que passa as férias com o pai (Calum, pesonagem de Paul Mescal), em um balneário na Turquia. O filme não segue exatamente uma história; traz apenas uma coleção de cenas furtivas sobre o dia a dia da dupla. As exceções são os episódios típicos da idade de Sophie – o primeiro beijo e as amizades que surgem em meio a banhos de piscina e partidas de fliperama. O que torna a premiada produção da BBC uma pequena joia é a estética: a filmagem alterna imagens profissionais com cenas feitas por uma câmera amadora, que dão naturalmente a cor desbotada típica dos videocassetes dos anos 1980. Destaque para as atuações de Frankie e Mescal, cujo realismo os coloca bem distantes do glamour hollywoodiano – e bem mais próximos da vida de gente como a gente.

FAZENDO AS PAZES COM O PASSADO

Aftersun **é uma obra autobiográfica até na origem dos personagens: pai e filha são de Edimburgo, na Escócia, mesma cidade em que a diretora Charlotte Wells (foto) nasceu. Radicada em Nova York desde 2015, ela dirigiu três curtas-metragens na faculdade antes do primeiro longa,** ***Aftersun*****. "Meu cérebro estava convencido de que eu estava fazendo um filme sobre férias. Depois, que era sobre a relação pai e filha. Finalmente vi que era sobre a memória e o luto."**

PARA LER

Em ***Poder Camuflado***, Fabio Victor reconstitui a atuação política dos militares brasileiros desde a reabertura democrática, em 1985. Do fim da ditadura ao governo Bolsonaro, a obra traça um panorama sobre a influência da caserna em Brasília.

PARA VER

A série ***Inside Man*** (Netflix) mostra um drama ético: até onde um homem pode ir para salvar seu filho? O ator Stanley Tucci (foto) está excelente no papel do psicólogo condenado à morte que usa seus últimos dias para solucionar crimes.

PARA OUVIR

Um disco perdido da cantora **Cássia Eller** (foto) chega ao público com três décadas de ataso: *In Blues*, parceria com o guitarrista Victor Biglione, tem um repertório roqueiro com versões de Muddy Waters, Beatles e Jimi Hendrix.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO; SCOTT GARFIELD/NETFLIX; CHAY PAES

por Felipe Machado

STREAMING

Edgar Allan Poe, o investigador

Em 1830, um detetive é contratado para investigar o assassinato de um integrante da Academia Militar de West Point, em Nova York. Como o local segue um rígido e sigiloso código da conduta, o policial pede ajuda a um dos alunos da academia: um jovem chamado Edgar Allan Poe – que se tornaria mais tarde mestre do mistério e um dos maiores autores norte-americanos. ***O Pálido Olho Azul*** (Netflix), dirigido por Scott Cooper, traz Christian Bale no papel principal. A produção já é cotada como uma das favoritas ao Oscar 2023.

MÚSICA

Repertório para crianças

Responsável por artistas como Billie Eilish e Jorja Smith, o **selo britânico Platoon** fez uma proposta diferente para Saulo Fernandes, o grupo Tuyo e Rodrigo Sha: produzir música voltada para crianças. Saulo, conhecido do público como líder da banda Eva, colaborou com a canção de ninar *Tamanho do Céu*; os curitibanos Lio, Lay Soares e Machado, do grupo Tuyo, lançaram a lúdica *Mais um Dia*; Rodrigo Sha homenageou Tom, seu filho recém-nascido, na composição *Baconé*. Os singles já estão disponíveis no streaming.

SHOW

Os adolescentes fazem a festa

Após o sucesso do furacão Harry Styles nos palcos brasileiros, o público jovem tem mais um motivo para comemorar: a "boy band" **Backstreet Boys** volta ao Brasil em janeiro para apresentações em três capitais: Curitiba (25), São Paulo (27 e 28) e Belo Horizonte (29). Os shows fazem parte da turnê mundial "DNA", baseada no último disco do grupo, lançado em 2019. A formação atual conta com os cantores Nick Carter, Kevin Richardson, AJ McLean, Brian Littrell e Howie Dorough.

LITERATURA

Um best-seller original

Formada na Universidade de Harvard, Gabrielle Zevin desbancou grandes nomes e viu seu último trabalho, *Amanhã, Amanhã, e Ainda Outro Amanhã*, ser escolhido como **livro do ano** pela Amazon.com, pelos críticos da revista *Time* e pela equipe do site *Goodreads*. A obra é ambientada em uma empresa que cria videogames, cenário original e pouco conhecido do grande público. A trama trata de diversidade e valoriza a importância da parceria entre pessoas criativas.

por Mentor Neto

Escritor e cronista

A GENTE NÃO SABEMOS DE NADA

"A gente não sabemos escolher presidente."
Ultrage a Rigor

Quem não se lembra desse verso, do clássico dos anos 1980?

Clássico e profético porque, passadas quatro décadas, impeachment, prisão de ex-presidente e outras escolhas duvidosas, não avançamos um palmo.

E não foi apenas a banda de rock que eternizou nossa incompetência.

Pelé, aquele que Romário afirma que calado é um poeta, rimou com a banda, dez anos antes, ao proferir a célebre frase "o brasileiro não sabe votar".

A gente não sabemos escolher presidente.

Mesmo.

Lamentavelmente, nossa incompetência não se limita ao pleito pelo cargo mais alto do Executivo.

No Legislativo já elegemos palhaços, iletrados e até ator pornô.

Nada supera, no entanto, o projeto de lei do deputado federal João Caldas, que obriga a comunicação de qualquer informação sobre alienígenas visitando nosso País.

Alienígenas de outros planetas, que fique bem claro, após um OVNI ter sido avistado no Ceará.

A gente não sabemos, pois, escolher deputados federais.

No Senado, conseguimos colocar a espetacular Damares Alves, mestre em direito pela escola da vida.

Desnecessários mais exemplos.

A gente não sabemos, também, escolher senadores.

No Mato Grosso do Sul, em 2018, o "pesquisador" Urandir de Oliveira, recebeu moção de congratulação por ter "provado incontestavelmente" que a Terra é plana.

É meu amigo.

A gente não sabemos escolher deputados estaduais.

Vereadores, então, esquece.

Ou melhor, lembre-se do inspirado projeto do vereador Jota Silva, do PSB de Campinas: a criação do dia "Dia do gol da Alemanha".

De acordo com o vereador, em todos os dias 8 de julho, aniversário do inesquecível 7 x 1 da Alemanha sobre o Brasil na Copa de 2014, Campinas realizaria eventos para lembrar "da pior tragédia do futebol Brasileiro".

A gente não sabemos escolher vereadores.

Então ao menos a escolha dos governadores e prefeitos poderia nos redimir.

Quem sabe se, num espasmo de lucidez, o brasileiro optasse por nomes de competência indiscutível e moral ilibada.

Mas a esperança foi vencida pela realidade e o Rio de Janeiro desponta líder de um ranking nefasto.

Wilson Witzel, eleito governador, foi afastado.

Seus predecessores no cargo, Luís Fernando Pezão - esse condenado a 98 anos de prisão -, Sergio Cabral, Anthony e Rosinha Garotinho, Moreira Franco, foram todos parar na cadeia.

Resta dúvida?

A gente não sabemos escolher governadores. Nem prefeitos.

A vida são escolhas, diz o dito popular. E nós escolhemos tudo errado. Sempre

Por que estou lembrando desses casos?

Desconfio, alias, que essas escolhas erradas não são coincidências, nem exceções.

São, sim, um traço cultural do brasileiro, adquirido a base de Educação paupérrima.

Quem dera Darcy Ribeiro estivesse por aqui, para nos ensinar todos os porquês desse comportamento.

Somos um povo onde cada indivíduo comete sua dose de escolhas estapafúrdias sem nenhum constrangimento.

O que nos leva ao brasileiro Tite.

O fiasco da Seleção de 2022 foi apenas isso.

O resultado das escolhas erradas de um único brasileiro.

Por isso, não se irrite com o ex-treinador da Seleção Canarinho.

Não o culpe por escolher levar o Daniel Alves.

Não fique resmungando que ele deveria ter colocado Neymar no lugar de Rodrygo para bater o primeiro pênalti.

Não é culpa dele.

Tite foi só mais um brasileiro, exuberando em seu direito de escolher tudo errado.

O resultado não é nada de novo:

A gente não sabemos ganhar Copa do Mundo.